

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Marina Zanin

**CONFLITOS SOCIOCULTURAIS DE
MADAME BOVARY E ANNA KARENINA: O SOCIAL
NA LITERATURA DO SÉCULO XIX**

Passo Fundo

2018

Marina Zanin

CONFLITOS SOCIOCULTURAIS DE
MADAME BOVARY E ANNA KARENINA: O SOCIAL
NA LITERATURA DO SÉCULO XIX

Monografia apresentada ao Curso de Letras,
Português-Inglês e Respectivas Literaturas, do
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da
Universidade de Passo Fundo, como requisito para
aprovação da disciplina de Monografia II, sob
orientação da Prof. Dra. Ivânia Campigotto Aquino.

Passo Fundo

2018

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado força de chegar até o fim do trabalho.

A minha mãe Leda, minha base, maior fonte de inspiração, que sempre me ajudou quando preciso, me dando força e motivação.

A meu pai Amarildo e minha irmã Carla, que estiveram comigo nesta trajetória, e sempre me ajudaram quando foi preciso.

A todos os meus amigos, que sempre me deram força e motivação, nas piores horas.

A minha orientadora Ivânia, que sempre me deu motivação e inspiração pela grande mulher que é para seguir em frente.

A todos que acreditaram em mim, meus sinceros agradecimentos.

Amo-os eternamente.

RESUMO

Anna Karenina e *Madame Bovary* são romances protagonizados por personagens que passam suas vidas procurando a felicidade. Pela pertinência da questão suscitada por essas narrativas, este estudo, como base teórica construída, especialmente, pelos estudos de Michelle Perrot, analisa os conflitos enfrentados pelas duas personagens na relação de suas vidas com a sociedade na qual estão inseridas. Compreendeu-se, dentre outras questões, que as diferenças entre as personagens são sutis, mas relevantes: em *Anna Karenina*, Anna corre em busca da felicidade, foge com o amante, mas, pela culpa de abandonar a família, não consegue viver em paz. Em *Madame Bovary*, Emma também corre atrás de sua felicidade, mas seus amantes não aceitam fugir com ela, e isso destrói sua ideologia de amor perfeito, destruindo, ao mesmo tempo, sua vida na sociedade, atolando-se em contas para tentar ignorar o fato de ter sido rejeitada. Com essas experiências malsucedidas, as duas mulheres têm um fim trágico, cometendo suicídio, como uma solução cabal para as faltas que tinham em suas vidas.

Palavras-Chave: Romance. Literatura Russa e Francesa. *Anna Karenina* e *Madame Bovary*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 CONTEXTO SOCIAL BURGUEÊS DO SÉCULO XIX E A CONDIÇÃO DAS MULHERES	08
2 O UNIVERSO NARRADO E SEUS AUTORES	27
2.1 Ana Karenina- Leon Tolstoi	27
2.2 Emma Bovary- Gustave Flaubert	32
3 A INFLUÊNCIA DO FATOR SOCIAL NA “LIBERDADE” DE ANA KARENINA E MADAME BOVARY	37
3.1 O fator social e as decisões do sujeito	37
3.2 O desespero e autodeterminação de Ana Karenina	38
3.3 A inesgotável busca pelo amor em Madame Bovary	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade realizar uma análise literária dos livros *Anna Karenina*, do russo Liév Tolstói, e *Madame Bovary*, do francês Gustave Flaubert, estabelecendo uma relação teórica com as ideias de Michelle Perrot, de modo especial da sua obra *As mulheres ou o silêncio da história*. Nesse propósito, o objetivo do estudo consiste em descrever como as duas personagens chegaram ao adultério, e o que ele causou a elas, em meio familiar e social historicamente.

Escrito entre 1873 e 1877, *Anna Kariênina*¹ já nasce com finalidade histórica, pois era intuito de Tolstói escrever um romance sobre o período de Pedro I – também conhecido como o Czar Pedro, o Grande - o primeiro imperador do Império Russo, que reinou entre 1682 e 1725. Ressalta-se, então, uma primeira diferença entre intenção e resultado do projeto literário. Após ter desistido do projeto inicial, Tolstói é impulsionado por seu amigo e parceiro de caçada Bibíkov. A amante de seu amigo se chamava Anna, e se suicidou na vida real, de modo muito parecido à personagem literária e ficcional de Anna Kariênina, suicidando-se também sobre trilhos de trem. A estação de trem de Nevskii Prospekt, a principal avenida de São Petersburgo até hoje, torna-se famosa na Rússia.

É significativo considerar primeiramente o país de produção do romance, pois a Rússia ocupa um lugar próximo no desenvolvimento do capitalismo, de forma que o realismo russo se dá quando a Rússia não estava no mesmo nível de avanço econômico-político da Europa. Quando Tolstói escreve, o mais alto realismo francês já tinha se arruinado, mas na Rússia não, o realismo só estava chegando. O capitalismo russo teve uma evolução tardia, o que propiciou no país o surgimento do realismo, enquanto na Europa ele já estava em vias de abismo e passava pela fase encomiástica da burguesia. Isso equivale a dizer que a Rússia se localiza na periferia da Europa. Mesmo assim, Tolstói é capaz de produzir uma arte verdadeira e realista.

O livro *Anna Kariênina* foi, em um primeiro momento, publicado capítulo por capítulo, na revista Mensageiro Russo, editada por Katkov, também amigo de Tolstói. As circunstâncias eram de agitação social, estando em tendência na sociedade temas como problemas do casamento, direitos da mulher, administração agrícola, regime da propriedade da terra, a relação do senhor com os mujiques em 1825 na revolta dezembrista contra Nicolau I, e em 1861 na libertação camponesa. Todos estes são temas que permeiam o romance. Trata-se, portanto, de uma relação do indivíduo com o seu ambiente, com a sociedade.

1- *Anna Kariênina* título original da obra de Leon Tolstói.

Madame Bovary foi publicado na França em 12 de abril de 1857. Mas de fato, a história já havia sido publicada em série na revista literária *La Revue de Paris*, durante dois meses e meio do ano anterior, havia vários comentários de que a obra teria sido criticada por ofender a moral pública, assim Flaubert é condenado pelo ato. O julgamento fez o romance ser mais conhecido e, depois que Flaubert foi absolvido, tornou-se popularmente conhecido quando sua edição única foi publicada.

A acusação é compreensível: justamente por estar inserido na corrente literária do realismo, Flaubert releva a realidade do século XIX e desafia os padrões sociais, além de criticar os romances sentimentais e folhetins, que considerava obsoletos. Emma Bovary, a protagonista, se vê encarcerada em um casamento infeliz com Charles, um médico de personalidade fraca, e em uma vida vazia e insípida do interior francês. A obscenidade vem quando Emma passa a manter casos amorosos com homens de “gostos mais refinados” e que alcançassem suas expectativas românticas.

O traço que fez da obra uma das mais clássicas da literatura não é a história, mas os detalhes, uma vez que Flaubert era perfeccionista e sempre procurava “a palavra precisa”. Não é à toa que levou cinco anos para terminar o livro, uma vez que uma boa frase em prosa deve ser como um bom verso na poesia. Num tempo em que as mulheres eram submissas, Flaubert mostra que o prazer sexual, por vezes obstinado, por vezes irresponsável, não é restrito a homens. Desmoraliza a burguesia e expõe sua banalidade. O próprio autor, ainda criança, declarou-se “enojado com a vida” e cheio de desprezo pelo mundo burguês. Não lamentou quando uma doença nervosa o fez desistir da faculdade de direito em Paris e o forçou a viver com a mãe viúva perto de onde havia nascido, na vila de Rouen. A partir de então, vive de rendas e da escrita.

A comparação entre as heroínas trágicas e adúlteras da literatura é de que, diferente de Anna, Emma nos força a confrontar a capacidade humana para nosso existencial, e assim insaciável, vazio. Fatalmente absorvida em si própria, insensível ao sofrimento dos outros, Emma não consegue ver além dos estereótipos românticos aos quais serve, eternamente desejando o que ela espera ser felicidade.

1 CONTEXTO SOCIAL BURGUESES DO SÉCULO XIX E A CONDIÇÃO DAS MULHERES

Após quatro séculos de capitalismo, comércio colonial, várias guerras, desestruturação do feudalismo, a expansão da linguagem, escrita e ensino, da lenta conquista de outras civilizações, a Europa passou por várias transformações em seu processo histórico, as quais reafirmavam as tendências anteriores. Assim, com o desenvolvimento da burguesia, ocorreram as duas grandes guerras revolucionárias, a Francesa e a Industrial, marcando, então, o início de uma nova era.

Com a vitória da burguesia, em 1830, diversos contrastes surgiram. A Ideologia Libertadora, impulsionada pelo iluminismo liberal, disparou a radicalização do pensamento e da prática social. Deste modo, o século XIX lidou com novas e velhas tendências que disputavam a predominância da Europa como chave para a predominância do mundo.

A Revolução industrial ainda tinha predominância rural. Na Inglaterra, pioneira da Revolução, a população urbana só veio a transpassar a população rural pela primeira vez no século XIX. Entretanto, as cidades da província ainda pertenciam à sociedade e à economia do campo, sendo que o problema agrário era, portanto, o fundamental no ano de 1789.

Hobsbawm (1989) afirma que é fácil compreender porque a primeira escola sistematizada de economistas do continente, os fisiocratas franceses, tomou como verdade esse fato, que a terra, sobretudo o seu aluguel, era a única fonte de renda líquida. A educação desenvolvia-se, embora a burguesia pretendesse uma escola mais prática, empirista e mais descolada do sistema educacional escolástico-medieval.

Após a Revolução Francesa criar novas classes, a burguesia teve um papel extremamente revolucionário, ela sempre obteve o domínio, por ter todas as relações feudais, patriarcais e idílicas. Após romper seus laços com os feudais, a burguesia deixou bem claro que ligava o homem ao seus superiores naturais, e não deixou restar vínculo algum entre um homem ou outro. Não existiria burguesia sem revoluções, os instrumentos de produção, as relações de produção, e com elas, todas as relações da sociedade.

O pensamento político da Revolução Francesa foi colocado em prática, com a ascensão ao poder da burguesia. Parte da burguesia não se adequou na mera compra de títulos, buscaram alcançar o poder para si, alterando a ordem vigente. Era um planejamento de refundação de sociedade. Pois até então os burgueses ficam em uma das últimas classes da sociedade francesa, que era dividida em três estados, os chamados Estados Gerais: um primeiro, que compreendia

a nobreza; um segundo, que era composto por clérigos e o terceiro e último, no qual eram excluídos dos anteriores, uma pequena burguesia, o campesinato e a população urbana.

Como grandes potências, Inglaterra e França fizeram duas grandes reformas de classes. A primeira assegurava as grandes acomodações entre a nobreza e a burguesia, na qual levou a revolução industrial, e as forças atingiram um nível grandioso de lucratividade e expansão. E a segunda, as reformas políticas que complementariam a revolução industrial, trazendo consigo diversos modelos políticos para a burguesia em crescimento.

O século XIX foi o século da soberania inglesa, tal como o de concerto europeu. As ideias de progresso e desenvolvimento fortaleceram a doutrina de que o mundo se encontrava em rápida transformação e que a Europa estava no topo para o processo de civilização. E esta dupla revolução significou dois momentos para a revolução burguesa, que se alimentava reciprocamente, ao conquistar o Estado e dominar os meios de produção. No entanto, a modernização construiu novas forças sociais, que seriam os novos atores políticos nas próximas décadas.

A cultura também não ficaria imobilizada. Em frente a grandes transformações na forma de produzir, pensar e interagir, escritores, músicos e pintores tentavam prever a nova sociedade que surgia diante de si.

A burguesia foi um grande elemento do processo de dominação, por dois bons motivos. O primeiro pela classe trabalhadora ser completamente explorada, já que eram a principal fonte de renda dos capitais e riquezas em geral coletados pela burguesia. Sendo que estas riquezas serviam de recurso, para financiar mais ganhos para maior dominação, elas serviam para partidos políticos, meios de comunicação, entre outros. E o segundo, pelo fato de dispor e controlar os maiores meios de produção, o que implicava a posição de dominação da burguesia em relação aos trabalhadores assalariados.

O estado era o maior órgão de poder político, e para que a burguesia conquistasse este poder, foi preciso passar por um longo processo de formação, crescimento e aprendizagem. E durante muito tempo, o poder político esteve nas mãos da nobreza, grandes senhores de terras, o que impedia o crescimento e enriquecimento da burguesia. Sendo assim, a formação monarquista absolutista unificou territórios, mercados, leis, moedas e tributos, e o poder político passou a ser dos reis. Mas uma parte já enriquecida da burguesia começou a comprar terras, conquistar títulos nobres e assumir cargos no governo. Mesmo sendo uma classe serva, a burguesia se fortaleceu, adquirindo maior conhecimento, começaram a pensar na possibilidade de tomar o poder.

Com o passar do tempo a burguesia tornou-se uma classe própria, em um período de grandes transformações, a industrialização, a formação da classe operária, recomposição de territórios, guerras, entre outros. E a burguesia tornou-se a classe dominante após superar as classes que eram ligadas ao antigo regime, isso a partir da Primeira Guerra Mundial.

Pode-se dizer que a burguesia é uma classe lideratória, pois muito antes de assumirem o poder nacional e internacional, em espaços limitados e fechados nas cidades, a burguesia já tinha assumido o papel de classe dominante. Na idade média os comerciantes começaram a concentrar-se em burgos, assim, muitos desenvolveram cidades com muitos habitantes. E com a permissão, muitas vezes conseguida a força, dos senhores feudais, donos das terras onde se localizavam estas cidades, transformaram-se, obtendo autonomia administrativa, governadas pelos próprios habitantes.

Com o crescimento destas populações derivadas do ingresso nas cidades de trabalhadores rurais fugitivos do regime de servidão em suas próprias áreas, a necessidade de dividir a população entre pobres e ricos foi precisa. Os ricos, os quais eram comerciantes, banqueiros e artesões, assumiram o controle e os principais postos de governo, tornando-se beneficiários de tudo o que era gerado pela burguesia.

Mas antes que a burguesia tomasse o poder de Estado, passou por variadas aprendizagens, que os prepararam para dar um pulo superior. Por primeiro os burgueses mostraram que tinham potencial para ocupações profissionais, tendo capacitado técnicas como administrativas, assim criando e renovando procedimentos de produção, tanto no comércio quando na atividade bancária.

Os burgueses ingressaram também na vida acadêmica, a criação de universidades foi precisa, assim os burgueses puseram seus filhos para estudar. O estudo de direito era o que mais interessava aos mesmos. Mas eles não pararam por aí, criaram escolas, aprimorando seus conhecimentos em cálculos e geografia, patrocinavam arte, em especial pintura e arquitetura. Por muito tempo a classe trabalhadora era iletrada e rude, mas a burguesia está destinada a ser a classe dominante. Já que os reis, como eles diziam, eram escolhidos por Deus, a burguesia conseguiu seu reinado por próprios méritos.

A burguesia feminina do século XIX é conhecida como o silêncio das mulheres. Elas levavam uma vida privada, eram afastadas da cultura, educação, política pelas suas obrigações, nas quais eram impostas pelos homens os quais “pertenciam”.

Sua postura normal é a escuta, o guardar das palavras no fundo de si mesmas. Aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Pois este silêncio, imposto pela

ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão, gestual e escriturária. (PERROT, 2005, p. 10)

Desde os séculos mais antigos, sempre foram marginalizadas e até mesmo tratadas como anomalias ou seres incompletos. Foram completamente oprimidas ao longo da história, tanto na literatura como nos meios de comunicação de várias formas.

Escrever sobre a história das mulheres é descobrir as tensões e contradições que elas viveram em diferentes épocas, tempos e sociedades; mostrar como elas eram tratadas perante os grupos, mostrando-as como seres sociais. Diante disso, analisa-se a esfera pública das mulheres, como elas eram submetidas, compreender e discutir sobre a educação das mesmas, a influência dos papéis na sociedade, e ver quais os caminhos que elas traçaram.

A mulher era destinada à procriação, ao lar e agradar a seu marido. Durante o desenvolvimento das sociedades, os tempos mostraram uma discriminação dos homens, contra as mulheres, principalmente na área da educação. Para Rousseau, filósofo iluminista, a mulher era vista como um ser sem vontades próprias, segundo a interpretação de Gaspari (2003, p. 29): “Rousseau detinha um discurso de que a educação feminina deveria ser restrita ao doméstico, pois, segundo ele, elas deveriam ir em busca do saber, considerado a sua natureza.”

Esta era uma sociedade que lutava tanto por liberdade, mas passou a requerer que as mulheres se fizessem parte dela, como mães, defensoras dos costumes, e seres dispostos a cuidar e servir ao homem. Para tentar amenizar a culpa de ter sido responsável pela desigualdade social e política, a sociedade estabeleceu um olhar cultural de que a mulher era um ser inferior ao homem, e não pela educação que não lhe foi dada. É com esta visão democrática entre os sexos que surge o masculino como sustentação para os preconceitos e modelo de sociedade, formando então uma sociedade machista no século XIX e XX.

Conveniente com as ideias iluministas, o romantismo favoreceu o desenvolvimento e a expressão de amor em todas as formas. Criando um discurso de mulher frágil, emotiva, incapaz, logo, inferior, assim não permitindo o acesso para o conhecimento.

Com o andamento do século, surgiram novos discursos sobre a filosofia da mulher. Manifestações contra a discriminação feminina e a luta de direito ao voto preveriam melhorias na forma de viver das mulheres. Mas, para muitos filósofos, a mulher ainda era considerada como um ser fracassado que buscava elevar seus padrões de conduta na sociedade, deste modo dando a responsabilidade ao homem de manter a mulher sua dependente sobre seu domínio.

A cidade do século 19 é um espaço sexuado. As mulheres inscrevem-se nele como ornamentos, estritamente disciplinados pela moda, que codifica suas aparências, roupas e cuidados, principalmente para as mulheres burguesas cujo lazer ostentatório

tem como função significar a fortuna e posição de seu marido. (PERROT, 2005, p. 34)

A educação feminina tinha o objetivo de desenvolver as habilidades artísticas nos trabalhos manuais e o desenvolvimento com a organização da casa, com o marido, ou seja, a mulher era preparada para servir ao homem.

Era ensinado, para os dois gêneros, ler, escrever, contar e as quatro operações, mas a diferenciação aparecia: para os meninos, noções de geometria, e para as meninas, bordado e costura. A educação dos meninos e das meninas era única, ela fazia parte de um processo universal da época.

Muitas meninas eram privilegiadas por serem filhas de generais, políticos e ricos donos de terras, sua preparação para domínio da casa a melhor. O ensino da leitura, da escrita e das noções básicas de matemática era normalmente acompanhado com o aprendizado de piano e francês. Eram treinadas não somente para uma companhia mais agradável a seu maridos, mas uma mulher capaz de os representar perante a sociedade. Também eram-lhe ensinadas as habilidades com agulhas, como bordados e rendas, habilidades culinárias, bem como saber ordenar seus criados e serviçais. E já os homens eram enviados para fora para estudar, fazer faculdade, principalmente na área do direito. Assim aprendiam a administrar os negócios da família, e quando voltassem precisavam de uma boa esposa, uma moça que tivesse qualificação a sua altura para se casar.

O casamento é obrigatório como garantia de moralidade, o celibato é desonrado como “ato de ingratidão”; o adultério e até mesmo o concubinato, prováveis em uma sociedade desigual, tornam-se “crimes sem desculpas”. A escolha do cônjuge está submetida às necessidades da família e do grupo, e o convívio dos jovens se desenrola “sob o olhar de suas mães”, censuras dos bons costumes. No ateliê bem como na escola, os sexos são separados; no baile a mulher dança apenas com seu marido; a arte bane a nudez na pintura assim como nos romances. (PERROT, 2005, p. 172.)

Mas muitas mulheres revoltadas com o que havia a sua volta ousaram desafiar as convenções da época, buscaram integrar-se em acontecimentos históricos importantes, assim, ultrapassando sua educação e a postura de mulher na família e na sociedade.

O mundo doméstico foi caracterizado como o lugar certo para a mulher e seus princípios. Mas as discussões sexistas foram mudando estes conceitos, as mulheres começaram a assumir ocupações fora de casa. E com isso os estudos feministas deixaram uma contribuição valiosa, eles mostraram que um dia a desconstrução das diferenças entre homens e mulheres poderia ter um fim.

Nas últimas décadas do século XIX surgiu a imposição da educação para a mulher ligando a modernização da sociedade, a higiene da família e a construção de cidadania. Havia várias preocupações com o trabalho a ordem e o progresso daquele século, o que levou os condutores a alistar as mulheres nas camadas populares. A elas caberia construir novos trabalhadores e trabalhadoras, estas pessoas deveriam ser honestas, ajuizadas, caprichosas, responsáveis pela manutenção de um lar sem distúrbios e perturbações.

O principal projeto educativo era a educação feminina, que vinha em conjunto com uma boa formação cristã. Mesmo com a separação da Igreja Católica com o Estado, a religião católica era predominante. A moral religiosa católica recorria para a missão sagrada da maternidade e a pureza feminina, acarretando no recato, no pudor, na constante perfeição moral, aceitação de sacrifícios, e na ação educadora de filhos e filhas.

No que se refere a mulher, Proudhon adere totalmente ao discurso médico sobre a inferioridade física do sexo frágil, retomando sua conta toa a sintomatologia desta fraqueza: tamanho, peso, menstruações, caixa craniana... As funções da mulher inscrevem-se em sua conformação: uma vagina para receber, um ventre para carregar, seios para amamentar-como os pedaços dos melões-marcam seu destino, feito pelo homem e pelo filho. Nenhum lugar além do lar. (PERROT, 2005, p. 173)

A mulher continua sendo submissa ao longo dos séculos, o fato de ser submissa era explicado pela condição de reprodutora, o seu destino era completar o do homem. A burguesia via a emancipação da mulher como um grande perigo para seus interesses, e usurpou a condição de subalternidade da mulher com facilidade, fazendo com que a mesma se apegasse à condição familiar, para garantir que ela fosse uma propriedade privada.

O sentido de pudor se estende até os cadáveres. Para a autópsia, “o corpo das mulheres é confiado somente para mulheres: é uma relíquia sagrada que não deve ser profanada pelo olho do homem”. Na família, onde reina uma rigorosa divisão das tarefas, o marido tem “voz predominante” e a mulher é definida como “sua primeira companheira, (...) sua primeira sócia, ou ainda mais, parte integrante dele mesmo, parte que, sozinha, pode servir de complemento à sua existência, parte a qual sua existência está incompleta e privada de felicidade. (PERROT, 2005, p. 172 e 173)

A desigualdade feminina não se origina do fato de termos nascido “machos” ou “fêmeas”, mas sim das relações e dos papéis sexuais que a sociedade constrói socioculturalmente. A sociedade determina o que é masculino e o que é feminino, através de suas instruções, da cultura, da educação, da divisão sexual e social do trabalho, entre outras. E são as relações desiguais de gênero que levam a mulher à submissão. Com a sociedade direcionada ao homem, muitas vezes não nos damos conta de que desenvolvemos relações diferentes entre meninos e meninas. Pais e filhos de sexos iguais atingem fazer a diferença. E

essa diferença ocorre quando enfatizamos características que já são esperadas para cada sexo, características que esperamos desenvolver umas nas meninas e outras nos meninos.

É claro que não podemos tratar meninos e meninas da mesma forma, esta não é a solução para o problema de preconceito existente na sociedade. Não podemos negar as diferenças e o modo de pensar já estabelecido. Mas podemos construir a consciência crítica do preconceito, ensinar o respeito para e com o próximo.

O modelo de mundo que temos hoje é dirigido por homens, onde as mulheres parecem invisíveis auxiliares na construção da sociedade. E para mudar este pensamento sexista é preciso, através da educação, implantar valores e ideias que venham reforçar o ponto de vista de superioridade do mundo masculino em relação ao feminino, mas, que estabeleça condições de igualdade e oportunidade para ambos os sexos.

Nós pensamos que da crença na desigualdade da mulher nasceram todas as causas da sua inferioridade moral e intelectual(...). Tudo foi contra a mulher”. No entanto, Joseph Bernard, vinte e três anos, serralheiro, militante anarquista, acredita que somente a Revolução pode corrigir as relações entre os sexos e que “não há porque nos preocuparmos com a mulher na sociedade atual, mas sim devemos nos preocupar com o que ela será na nova sociedade”. Nuances que se fundem na harmonia de um discurso unânime. Infeliz vítima da natureza e da sociedade, a mulher, longe da fábrica hostil, deveria encontrar proteção na família para ali dedicar-se à sua família e à educação dos filhos. (PERROT, 2005, p. 177)

As escolas femininas buscavam desenvolver habilidades manuais, com o que se idealizava com atividades relacionadas ao que se acreditava ser natureza da mulher, com o intuito de facilitar e auxiliar as meninas na entrada das classes populares no mercado de trabalho.

Com relação às mulheres, o status matrimonial, primordial, condiciona a relação com o mercado de trabalho, ao menos a partir do momento em que a industrialização separa cada vez mais radicalmente o domicílio e o local de produção assalariada. (PERROT, 2005, p. 149.)

Várias vezes eram as próprias mulheres responsáveis pela reprodução de machismo e ideias que pregam a sua inferioridade em relação aos homens. Essas ideias se dão regularmente a exaustão familiar, nas igrejas, nos meios de comunicação, e na sociedade imbua delas, tornando-as predominantes.

Para evitar esse tipo de educação, é preciso evitar grupos separados por sexos, promover leituras críticas sobre a perspectiva de gênero, analisar a sociedade burguesa e a importância da

mulher nessa sociedade, acabar com as banalidades que colocam homens e mulheres em mundos divididos e com rígidos padrões de comportamento.

As escolas e aos educadores, caberia a reflexão sobre os gêneros, levando o desenvolvimento de um trabalho que possa contribuir para que a educação seja um instrumento de democracia, ajudando a conter o preconceito, e formar pessoas comprometidas com a igualdade de direitos entre os sexos.

Com constantes mobilizações, movimentos, estudos e efetiva participação da mulher nos sindicatos, escolas, universidade e associações, a luta contra a discriminação, violência e preconceito, torna-se cada vez mais visível. A história de vida das mulheres enfim, torna-se pública. Mas mesmo assim, o modelo econômico Neoliberal, apesar de modificações ocorridas na condição feminina, leva à exclusão social de muitas mulheres que não são capazes de decidir sobre suas próprias vidas.

Sobre a infelicidade da mulher todos estão de acordo. “Seria ela feliz e livre? (...) Seria ela emancipada? Não”. “Pobre”, “infeliz” são, com “frágil”, fraca, os qualificativos que lhe são aplicados mais frequentemente. “A situação da mulher é precária”. “A situação preparada para a mulher é deplorável”. Para a mulher só, sobretudo, não há alternativa: “morrer de fome ou perder sua honra, consequência lógica do aviltamento dos salários da mulher. (PERROT, 2005, p. 177)

Inúmeros setores sociais destacam em seu discurso que o mundo do trabalho simbolizava uma ameaça à honra feminina. Operários militantes, médicos higienistas, jornalistas, juristas, e até as feministas descreviam o trabalho nas fábricas como um ato de perdição, onde as mulheres eram vistas como figuras indefesas. Muitos acreditam que o trabalho da mulher fora de casa destruiria os laços entre mães e filhos, pois as crianças cresceriam mais soltas, destruindo a família. Se elas trabalhassem fora do lar, perderiam o interesse pelo casamento e a maternidade.

A indústria destrói a beleza e, sobretudo, a saúde da mulher e a desvia de sua função essencial: a maternidade. Os temas da transmissão da vida, da importância da saúde da mãe para a saúde da criança são sublinhados diversas vezes. “A saúde da criança vem de boa constituição da mãe e a maioria das indústrias arruína na saúde e beleza”. Grávida ou no resguardo, a mulher não deveria trabalhar. (PERROT, 2005, p. 178)

O teatro, a ópera, as confeitarias, restaurantes, cafés tornaram-se os principais locais de encontro da nobreza, que ao deixarem a vida isolada do mundo rural e das pequenas cidades urbanas, onde a igreja era o principal espaço de civilidade, passaram a buscar, com a modernização das cidades, novas formas de reunião e diversão.

As mulheres da classe média e alta abandonaram suas roupas discretas e passaram a se vestir conforme a moda francesa. A mulher moderna criou uma figura magra, ágil, agressiva e independente, comparada com atrizes, e começou a ser admirada tanto pelo gênero feminino como pelo masculino.

Os cinemas começaram a atrair um grande público e as classes sociais passaram a valorizar o esporte. Os trabalhadores imigrantes e nativos desenvolveram suas culturas com teatros e propaganda política nos centros culturais e bibliotecas. A moças eram acompanhadas de seus namorados, maridos ou amigos e também participavam desse novo universo social. A modernização chegava ao país.

Em todos estes textos, aparece um rancor confesso contra a incompreensão das mulheres pelas atividades sindicais, sua resistência às “saídas”, as cotizações de seus maridos, seus ciúmes talvez por esta troca viril da qual elas estão excluídas. Obstáculos à vida militante, há o risco, também, de a mulher se tornar uma educadora perigosa, perpetuando na família, e sobretudo de mãe para filha, as influências clericais. (PERROT, 2005, p. 184)

Mesmo com a modernização as relações familiares continuavam fortes, tanto nas camadas mais ricas como nas mais pobres. Mesmo entre os anarquistas, que eram desfavoráveis ao casamento e a virgindade da mulher, defensores do amor livre, do divórcio e da maternidade voluntária, havia uma preocupação enorme com a moralidade da mulher no meio de trabalho.

Com o crescimento do trabalho feminino, passou-se a discutir alguns temas como sexualidade, adultério, casamento e prostituição. Na presença do crescimento urbano e de muitas cidades, a presença da mulher nos bairros operários se tornou constante, e o mundo público ameaçador à moralidade da mulher e das crianças.

Vários médicos e higienistas presumiam que o trabalho fora de casa levaria à degradação da família. Caso as mulheres passassem o dia trabalhando, não teriam tempo para se dedicar ao marido, filhos e casa. A preocupação se tornou tanta que foram delimitados rígidos códigos de moralidade para as mulheres de todas as classes. Mas a preocupação era principal para as mulheres da elite e das camadas médias.

Ao invés de poder fazer companhia ao marido, ir com ele e as crianças aproveitar o descanso de um passeio ao ar livre, no campo, no verão, longe do bairro triste e conhecido, a pobre criatura deverá se atrelar ao trabalho de manhã à noite e resignar-se a deixar o homem arrastar a sua desocupação de cabaré em cabaré, de onde se teme voltar de bolso vazio e de espírito ausente; a recompensa de voa dona-de-casa será, na maioria das vezes, ser maltratada ou até mesmo espancada. Este é o destino miserável de um operária; a menos que, despreocupada, ela também abandone o lar. Há então uma completa ruína familiar e as crianças em tal meio torna-se frequentemente um desejo social. (PERROT, 2005, p. 189)

As mulheres pobres eram consideradas ignorantes, irresponsáveis e incapazes, eram vistas como irracionais pelas mulheres da classe média e alta, e elas por sua vez eram consideradas menos racionais que os homens. Por isso as profissões como costureira, operária, lavadeira, doceira, empregada doméstica, florista, artista, entre outras, eram associadas à imagem de perdição moral, degradação e prostituição.

À medida que a industrialização absorvia atividades na unidade doméstica, como a fabricação de tecido, pão, manteiga, doces, vela, fósforos, entre outros, desvalorizaram os serviços domésticos, assim procuraram fortalecer a ideologia da maternidade, de que ser mãe tornou-se a principal função da mulher, em um mundo onde se buscava criar fronteiras entre os gêneros masculinos e femininos, o lugar natural de esposa, mãe, dona de casa e filhos, ficou como função da mulher.

Os libertários queriam uma sociedade igualitária, onde fundava-se indivíduos não competidores. Uma sociedade sem raças, sexos ou classes socioeconômicas, em que todos teriam os mesmos direitos e deveres, lutando contra todas as formas de poder.

A mulher quer aparentar que não acredita e, geralmente menos forte de caráter do que o homem, ela tem a maior dificuldade do mundo para se libertar desta instrução religiosa que recebeu quando criança e que transmite de mãe para filha. O meio feminino no qual ela vive a matem fatalmente nos erros do clericalismo. Os séculos passam, o progresso industrial, comercial e social segue com rapidez sua marcha ascendente e ela continua, sempre, devido a sua primeira instrução nos mesmos erros. (PERROT, 2005, p. 186)

A condição feminina, o trabalho fora do lar, o casamento, a família, e a educação deveriam ser repensados e praticados de maneira diferente. A relação entre homens e mulheres deveria ser repensada, pois as mulheres só teriam novas oportunidades de emprego e participação social quando fossem tratadas igualmente aos homens. As mulheres são produção de conhecimento e teoria, o poder do gênero deixa o homem com receio. Assim afirmando que as características intelectuais, emocionais e de personalidade são distintas numa variedade de possibilidades, sem restrição de sexo, raça ou nacionalidade.

Em meados do século XIX, parte da população que tinha acesso à educação ficava restrita a capacitar-se para a leitura. Ressalte-se que os aprendizados de leitura, escrita e cálculos eram feitos em momentos separados e sequentes. A capacidade de leitura e não escrita era uma situação muito comum no universo feminino. A escrita era considerada perigosa para as mulheres, pois sabendo escrever lhes era possibilitado comunicação e independência.

Sendo que a leitura era vista como menos perigosa, pois escrever é produzir um texto, e ler é receber algo de alguém, sem marca ou local. Além do mais, o ensino dos alunos poderiam ser feitos com um mesmo livro, mas papel e tinta não poderiam ser reaproveitados. Os custos para o aprendizado de escrita eram muito altos.

É muito difícil encontrar escritas femininas, o passado torna uma análise de escritos masculinos, os quais eram escritos e direcionados às mulheres, já que boa parte delas só sabia escrever. As mulheres eram incluídas em grupos que não tinham acesso à escrita, e muitas vezes nem sua leitura poderiam escolher, por sua vez, eram orientadas por pais, maridos e professores pavorosos.

A leitura “correta” para as mulheres que seriam ideais, seriam os romances, jornais, revisas, sermões, teatros e pinturas. Os jornais eram um dos impressos que mais circulavam pelos centros urbanos, pois com a independência, os folhetos e os panfletos de preços bem acessíveis ao público tornaram-se algo fora do alcance de ideias esclarecidas, as quais passaram a ser discutidas com os novos espaços de sociabilidade, tais como cafés, academias e livrarias.

Os homens acreditavam que as mulheres tinham uma natureza fraca, assim, cansando-se caso uma leitura mais exposta lhes fosse dada. Portanto, a leitura deveria instruí-las de maneira profunda. A educação feminina era direcionada à “mulher e família burguesa”.

Quantitativamente pequena, a escrita feminina é estritamente específica: livros de cozinha, manuais de educação, contos recreativos ou morais constituem sua história. Trabalhadora ou ociosa, doente, manifestante, a mulher é observada e descrita pelo homem. Militante, ela tem dificuldade em se fazer ouvir por sus camaradas masculinos que consideram como normal ser seus porta-vozes. A carência de fontes diretas ligada a esta perpétua e indiscreta mediação forma um quadro temível. (PERROT, 2005, p. 198)

A mulher da elite passou a frequentar os cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Tiveram que aprender a se comportar em público, e conviver de maneira educada. As mulheres deveriam zelar pela imagem do homem público, fosse ele seu pai ou seu marido. Elas teriam um importante papel na sociedade, o processo de civilização, deveriam ter formação moral sólida para serem boas esposas e mães.

Antes de se tornarem parte do processo de civilização da sociedade, quem cuidava dos filhos da elite, eram as escravas domésticas, uma das principais preocupações da família. E na medida que os pais de família se preocupavam com a situação proveniente do lar e esfera pública, a educação dos filhos se tornou responsabilidade da mãe, assim assumindo também as funções que eram designadas às escravas antes.

A burguesia, falocrata de nascimento, impõe aqui a sua concepção dos papéis, está rigorosa separação dos sexos que levaria a um imenso abismo, este “deserto de amor” que Mauric descreveu: “Apenas isso, o sexo nos separa mais do que dois planetas”. Assim o silêncio sobre a história das mulheres vem também de seu mutismo de fato nas esferas políticas, por meio privilegiadas como os únicos lugares do poder. (PERROT, 2005, p. 198)

Em primeiro lugar, as mulheres deveriam se tornar boas esposas, zelando pelo bem de seus maridos e pelo bem cuidado com o lar, visto que seus homens se encontravam sempre ocupados com a vida nos mais diversos espaços públicos que foram construídos ao longo do tempo.

Ao passar do tempo, estrangeiros criaram imagens grosseiras das mulheres sobre sua educação, vendo que as mulheres passaram a ocupar outros lugares na sociedade. O papel de esposa exemplar junta-se ao de mãe e o de leitora. Assim, muitos jornais trouxeram à tona a função de mãe como pilar da família e educadora de seus filhos, segundo os princípios definidos.

Não sendo as favoritas a ocupar cargos públicos, às mulheres deveriam cuidar dos maridos, casa e dos filhos, deveres que lhe são específicos. Desempenhar as funções as quais eram naturalmente destinadas.

Às vezes é a mulher fogo, devastadora das rotinas familiares e da ordem burguesa, devorada, calcinando as energias viris, mulher das febres e das paixões românticas, que a psicanalise, guardiã da paz das famílias, colocara na categoria de neuróticas; filhas do diabo, mulher louca, histérica, herdeira das feiticeiras de antanho. A ruiva dos romances de folhetim, aquela mulher cujo calor do sangue ilumina a cabeleira e a pele, e por meio de quem a infelicidade chega, é a encarnação popular desta mulher de chamas que deixa apenas cinzas e fumaça. (PERROT, 2005, p. 199)

Vários artigos destinados à educação da mulher foram criados. Os artigos afirmavam que era necessária a maior atenção e a melhor educação às mulheres. Eles possuíam diversas maneiras de educar a mulher, como a dança, música, entre outras, mas focavam principalmente na educação moral e cívica da mulher. Era das mães que os homens recebiam a primeira impressão, mais duráveis que as outras. O que mais importava era que suas mães as ensinassem a ser boas, e para poder fazer isso, era preciso que elas também fossem. Suas mães deveriam amar a pátria, e desejar o bem a toda sociedade. Sendo assim, os pais de família educavam muito bem suas filhas, pois não queriam passar vergonha perante a sociedade.

Mulher terra, enfim, aquela que alimenta, a fecunda, planície que se deixa apalpar e fustigar, penetrar e semear, onde se fixam e se enraízam os grandes caçadores nômades e predadores; mulher estabilizadora, civilizadora, apoio dos poderes fundadores, soclo da moral; mulher entranha que sua longevidade excepcional

transforma em amortalhadora, mulher das agonias, dos ritos mortuários, guardiã das tumbas, e dos grandes cemitérios sob a lua, mulher negra do dia dos mortos... (PERROT, 2005, p. 200)

A educação das mulheres da burguesia era sempre um homem que indicava. O objetivo era fazer com que as mesmas seguissem a imagem que eles criassem para elas, eles criavam as mulheres como achavam melhor. As leituras eram dirigidas para a mulher ideal, assim criando mulheres ideais com os padrões sociais.

A leitura deveria ser individual, e com lições úteis, pois uma vez que se tornassem, a partir do contato com os bons textos, mulheres virtuosas, essa virtude seria estendida a toda sociedade. Boa filha, discreta, trabalhadora incessante do lar, tem cuidados com a sua aparência, em poucas palavras, uma filha virtuosa se tornaria uma excelente esposa.

Diferente da “fazendeira” (rural) e da “patroa” (burguesa), a Dona-de-casa é, na cidade do século 19, um tipo de mulher importante e relativamente recente. Sua relevância está ligada a importância fundamental da família, velha realidade investida de múltiplas missões, entre as quais a gestão da vida cotidiana. Sua novidade reside em sua vocação exclusiva, para os “trabalhos domésticos” no sentido mais amplo do termo. Na chamada sociedade tradicional, a família é a empresa e todos os membros colaboram, juntos, na medida de suas possibilidades, para a sua prosperidade. (PERROT, 2005, p. 201)

Os jornais da época tratavam de temas como belas artes, literatura, moda, e principalmente buscavam despertar a consciência das mulheres para reivindicar melhores condições na educação e acesso ao mercado de trabalho. E durante toda metade do século XIX, vários jornais eram dirigidos por mulheres, e eles conseguiram reconhecer seu espaço no comércio. “O jornal das senhoras tem vontade e desejo de propagar a ilustração e cooperar com toda a sua força para o melhoramento social e emancipação moral na mulher” (RODRIGUES, 2017).

Com uma nova história cultural, vamos analisar escritos destinados e produzidos por mulheres no século XIX, compreender as representações das mulheres e o conceito de emancipação presente na época. A nova história cultural tornou-se mais presente nas décadas do século XX. Uma das suas principais características era a exuberância, no sentido de abrigar no seu seio possibilidades de tratamento. A história cultural enxerga um passado como algo inevitável. Em que o principal objetivo era identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída e pensada, mostrando os limites dos termos masculinos e femininos, o estado condicionado das pressões sociais.

O gênero masculino ganhou muita forma nos anos 1970 e 1980, passou a ser entendido como categoria histórica. E a partir daí estudar as diferenças sexuais de gênero, e os papéis

sociais, passou a se tornar importante. Separarmos a sociedade em gêneros acabou de nos deixar no ponto mais alto da perda dos direitos. Assim dando uma diferença entre homens e mulheres, uma vez que a diferença entre os sexos não é um fato natural, mas sim uma intervenção da sociedade e período histórico.

Ela cobre se corpo segundo o código estrito que a aperta em espartilhos, a cobre de véus, a enlva da cabeça aos pés. E a lista é longa dos lugares em que uma mulher “honesta” não poderia se mostrar sem decair. A suspeita a persegue em seus deslocamentos: a vizinhança, espiã de sua reputação, até mesmo seus empregados a espreitam; ela é escrava até em sua moradia na qual o salão lhe é atribuído. Ela tenta conquistar sua liberdade na sombra e em um código de sinais sofisticados- cartas dobradas, mensagens levadas, lenços caídos, lâmpadas acesas- que chamamos de astucia feminina. Eis a mais prisioneira das mulheres. (PERROT, 2005, p. 211)

A perspectiva de gênero construiu um período social histórico, esfera de caráter histórico que gera implicações para homens e mulheres. A construção da esfera privada, cabível às mulheres, e a pública, cabível aos homens, carrega consigo inúmeras consequências que, a longo prazo, desencadearam e institucionalizaram práticas inevitáveis, nas quais a desigualdade de gênero é característica marcante.

No contexto XIX, a imprensa fazia parte de instituições que configuravam e regulavam a vida social das pessoas. Estimulando um novo espaço público para a sociedade. Os homens acompanhavam este espaço público, enquanto as mulheres ficavam com o espaço privado. O contato com a imprensa era uma forma das mulheres ultrapassarem as barreiras que as separavam do espaço público.

O século XIX fatalmente derramaria o espaço doméstico, contribuindo para que fosse construída uma família civilizada, o lar tornou-se uma metáfora da pátria. A esposa não tinha opiniões, a família era o povo, e o homem era o governante da casa, e ele por sua vez era quem elaborava as regras para seu povo, ou seja, família, em específico sua mulher, e a ela era dado o direito de obedecer, pois ela poderiam reinar no lar, mas com as regras de seus maridos, pois uma boa esposa representa a honra de seu esposo. Estava concedido a ela o direito de ser submissa, trabalhadora do lar e calada. Mesmo estando em casa com a família reunida, era proibida de trazer notícias sobre política, que eram os principais temas da imprensa local, pois para uma mulher de bom tom era proibido demonstrar inteligência e opinar, este assunto era reservado aos homens. Em um país com analfabetismo, as mulheres não podiam nem deviam priorizar a instrução, elas deveriam continuar voltadas aos afazeres do lar.

O que é recusado às mulheres é a palavra pública. Sobre ela pesa uma dupla proibição, cidadã e religiosa. “Não permitis que uma mulher fale um público, abra uma escola,

funde uma seita ou um culto. Uma mulher em público está sempre deslocada”, diz Pitágoras. As mulheres, no entanto, são o coro da cidade; requisitadas, elas aclamam os heróis, lamentam-se nos cortejos fúnebres; mas sempre em grupo anônimo e não como uma pessoa singular. (PERROT, 2005, p. 318)

As mulheres bem casadas, respeitadas e honradas ensinavam as meninas, assim tinham um meio de obter mais recursos de sobrevivência. Muitos defendiam o discurso de que era necessário ocupar a mente das mulheres com referências científicas, já que sua função era cuidar e educar os filhos, acima de tudo formar cidadãos. Por isso lhe bastava um estudo moral sólido e princípios como honestidade, pureza, castidade dentre outros. A mulher só recebeu ensinamentos, pois era responsável pela formação dos homens, se eles se tornariam bons ou maus, quem decidiria isso era a pessoa que os educava, ou seja, a responsabilidade era completa da mulher.

Os meninos aprendiam a ler, escrever, fazer cálculos e as meninas, além da leitura e escrita, aprendiam a bordar, costurar para serem boas prendas domésticas. As regras sociais eram muito importantes na Europa, e com elas as tendências de roupas e comidas. Os trajes franceses eram os preferidos das mulheres, grupo de mulheres, a qual pertenciam a classe média alta. Assim como as regras se estabeleciam, os reafirmadores de uma divisão social e sexual do trabalho, determinavam os espaços públicos como masculino e os privados para o feminino, construindo assim uma ideia de mulher, rainha do lar.

As mulheres não são nem passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por mais reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e acolá. Elas são diferentes. Afirmam-se por outras palavras, por outros gestos. Na cidade, até mesmo na fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência- à hierarquia, à disciplina- que frustram a racionalidade do poder e estão diretamente enxertadas em seu uso próprio do espaço e do tempo. Elas traçam um caminho que seria preciso reencontrar. Uma história diferente. Uma outra história. (PERROT, 2005, p. 222)

É necessário verificar o grande papel desempenhado pelos produtos culturais, em especial os Romances, na imobilização da sociedade moderna. Escrita e saber estiveram ligados ao poder da forma de dominação, pois era por eles que se descreviam os modos de socialização, papéis sociais, e até o que se esperava sentimentalmente das situações. Foi também no século XIX que surgiram diversos movimentos sociais, assim surgindo os processos de industrialização e modernização. Estes movimentos eram compostos por membros da classe média.

O século XIX foi o século do romance, recebendo muita influência dos folhetins, espaço onde os escritores mostravam suas narrativas e poderiam atingir um grande público alvo, e

dentro deste público as mulheres. Apesar de serem considerados leitura perigosa, os romances eram muito lidos pela sociedade feminina da classe média, a burguesia. Estes escritos poderiam representar as mulheres em dois lados, a mulher honrada e a rainha do lar, pronta para o matrimônio e para servir ao seu pai e depois ao seu marido, assistente do marido e instrutora dos filhos. A classe social em um torno era bem rígida, a mulher adúltera, pecadora que infringisse as regras, deveria ser expulsa da sociedade.

Entretanto, a questão do poder colocou-se rapidamente, pois ela funda a relação entre os sexos. Ela foi declinada em todas as suas formas: o (os) poder (es) influencia, força, decisão, etc. A distinção do público e do privado apareceu como o que ela realmente é: uma categoria política, expressão e meio de uma vontade de divisão sexual dos papéis, das tarefas, dos espaços, produtora de um real remodelado sem cessar. (PERROT, 2005, p. 261)

Mesmo com uma barreira estabelecida entre o público e o privado, o feminino e o masculino, dois espaços opostos, dois sexos opostos, o acesso à leitura, de livros, jornais e revistas, dá uma certa quebra de barreiras que separavam as duas esferas. De acordo com a historiografia, foram poucas as mulheres escritoras no século XIX, personagens marcantes, e dentre elas Nísia Floresta, que em 1832 traduziu o livro de Mary Wollstonecraft, *Direito das mulheres e injustiça dos homens*.

Nísia Floresta, pseudônimo de Dionísia de Faria Rocha, casou-se em 1823, aos 13 anos de idade. Deixou seu marido no ano seguinte e foi repudiada pela família. Como afirma Telles (2006), Nísia foi uma figura atuante, defendendo a ideia de igualdade entre os homens e mulheres, assim como o direito à educação às mulheres.

Podemos destacar que muitas mulheres conseguiram passar pelas barreiras da sociedade por meio de seus escritos, produzindo romances e atuando em jornais, mas estes casos eram casos que passavam por cima das regras, e as próprias críticas literárias feitas aos escritos femininos eram diferenciados dos escritos produzidos por homens.

Na segunda metade do século XIX, muitos periódicos preservavam a ideia do direito feminino à educação. E a questão do voto não era mais tratada diretamente, mas esses periódicos noticiavam as lutas em todos os países por esse direito. Os periódico pretendiam introduzir-se no lar, não trazendo assim polêmicas, e ao mesmo tempo não as omitiam por completo.

Que poderes reivindicam as mulheres? Que concepções elas têm da política, sobretudo? Porque há unanimidade sobre os direitos civis, em que matéria de educação e até mesmo de trabalho, e divergências sobre os direitos cívicos? Como compreender- por exemplo- o conflito que opõe as femininas de 1848- como Eugéne

Niboyet, Jeanne Deroin, Désirée Gay- a George Sand, grande figura de mulher emancipada, que faz igualdade civil e preâmbulo absoluto para a igualdade política: “As mulheres devem participar um dia da vida política? Sim, acredito que sim[...] Mas este dia está próximo? Acredito que não, e para que a condição das mulheres seja assim transformada, é preciso que a sociedade seja transformada radicalmente”. Deve-se fazer os escravos votar? Mas as mulheres são escravas? Juridicamente sim, socialmente, não. (PERROT, 2005, p. 278)

Na primeira metade do século XIX apareceram jornais, que mesmo sendo coordenados por homens, tentavam entrar no mundo feminino, apresentavam principalmente assuntos relacionados à moda, romances, receitas, teatro. Como os próprios jornais ressaltavam, o público alvo eram as “senhoras”, mulheres da classe média, alfabetizadas. As famílias de classe baixa não poderiam pagar pelo valor do jornal, mas nem por isso eles ficavam de fora das notícias, a leitura era feita no meio da rua, oralmente para que todos pudessem ouvir. Mas as prioridades eram outras, o acesso à educação permaneceu por muito tempo restrito ao gênero masculino e de famílias com poder aquisitivo.

Muitas mulheres começaram a passar à frente de seu tempo; principalmente as viúvas deram início à discussão dos melhoramentos sociais e a emancipação moral, e assim começaram a participar dos jornais com cartas e artigos, mas não assinavam ou usavam pseudônimo, eram características típicas nos periódicos da época durante o século XIX. Esconder-se, esconder sua identidade, era uma forma das mulheres se protegerem.

Ao longo do século XIX, a vida da cidade presumia novas demandas e novas perspectivas de convivência social. As mulheres da alta sociedade eram privilegiadas e passaram a frequentar importantes bailes, concertos e espetáculos teatrais, assim necessitando demonstrar certas normas, como se comportar em público e estar atentas a todos os eventos socioculturais. O papel das mulheres se redefinia, acompanhando a perspectiva dos jornais da época, que convocava as mulheres a se emanciparem moralmente, não ficando fechadas em seus lares, pois o sexo feminino se inserir em novos espaços era encarado como uma forma de emancipação moral da mulher, e de certa forma, as barreiras do privado estavam sendo quebradas.

As mulheres aprendem a dominar seu discurso e sua imagem pública. Os congressos tiveram um papel de propedêutico da palavra cujos efeitos e modalidades seria necessário avaliar. Procuram-se, então, aquelas que “sabem falar”. Hubertine Auclert, que ousaria representar, em 1879, “nove milhões de escravas” no congresso operário de Marselha, grande momento na história da palavra pública das mulheres. Louise Michel, Nelly Roussel, Pauline Kergomard, Blanche Clemnitz, que assume justamente o pseudônimo de “Parrhsisia” –ou “a liberdade de falar” - são oradores apreciadas na França; e cada país tem as suas. (PERROT, 2005, p. 324)

A medida que o século XIX corria, mudanças permanentes na vida social e política aconteceram, a luta pela emancipação da mulher, escolarizada e classe média crescia. Assim, começou a construção de uma nova identidade feminina, referindo-se a sua posição frente a família e aos papéis de esposa e mãe. Por um lado destacou-se o processo individualista da mulher e de sua trajetória pessoal.

Podemos perceber que os jornais tinham o objetivo de emancipar a moral das mulheres, pretendiam formar e informar as suas leitoras, mas sempre deixando claro que não queriam que as mulheres exercessem atividade dos homens, como ser empregado público, ser oficial da marinha, doutor graduado em leis. Para elas a emancipação feminina estava ligada ao lar, às atividades de dona de casa, mas, principalmente, aos direitos de poder expressar suas opiniões, não sendo tratadas com inferioridade pelos homens.

A emancipação moral e intelectual da mulher não estava relacionada a mulheres saírem de casa e ocuparem cargos políticos. A emancipação da mulher estava ligada à emancipação feminina, era sobre a mulher ser bem educada para ter capacidade de debater sobre diversos assuntos, assim como os homens eram, mas, principalmente, exercer papel social de esposa e mãe de forma certa. A emancipação não excluía da mulher os deveres ligados à casa e aos filhos, mas pelo contrário, ela a complementava. Mulheres mais educadas conseguiriam melhorar a instrução de seus filhos, oferecendo assim, melhores cidadãos à sociedade e cidadãos dignos.

Os jornais femininos tornaram-se um canal eficaz para as sufocadas vocações literárias das mulheres, exercendo também a função de conscientização, catártica, psicoterápica, pedagogia e de lazer. Incentivaram a educação feminina e instrução das mulheres, pois era indispensável para a sua emancipação.

Aquela que Flaubert dizia ser “o único grande homem do século”, fazendo hipótese de que ela poderia ser do “terceiro sexo”, tergiversava. Às vezes, ela reivindicava sua feminilidade e a sua maternidade, da qual ela fazia a sua felicidade a sua glória, vendo nelas a ancora e até mesmo o destino de todas as mulheres... Outra vez, ela se recusava energicamente, denunciando a escravidão das mulheres, selada pelo casamento, marca de um patriarcado que, a seus olhos, tornava presencialmente impossível o acesso à cidadania política: donde sua severa recusa da candidatura que as mulheres lhe ofereciam em 1848. Sand aceitava o sexo, cuja diferença ela chegava às vezes a negar. “Existe apenas um sexo. Um homem e uma mulher, são tanto a mesma coisa, que não se pode compreender as inúmeras distinções e raciocínios sutis de que se alimentaram as sociedades sobre este capítulo”. Mas recusava o gênero tal qual o seu tempo o definia. Elas reivindicava a liberdade da escolha individualista, mas ficava surda à consciência de gênero pois também o contestava. (PERROT, 2005, p. 474)

O combate total contra a violência e submissão da mulher em relação ao homem são pontos centrais dos jornais, que no contexto propõe uma ruptura com os padrões sociais da época.

2 O UNIVERSO NARRADO E SEUS AUTORES

2.1 Ana Karenina - Leon Tolstói

Tolstói (1828-1910), escritor russo, profundo pensador social e moral, é considerado um dos mais importantes autores de narrativas realistas de todos os tempos. Leon Tolstói, ou Liev Nikoláievitch Tolstói, nasceu em uma família nobre em Iassnaia-Poliana, perto de Tula, Rússia, no dia 09 de setembro de 1828, filho de Nicolau Tolstói, de origem ilustre da mais alta aristocracia russa, que renota à princesa Maria Nicolaievna. Aos nove anos ficou órfão de pai e mãe, sendo criado por tias e educadores. Mudou-se para Kazan em 1841, e em 1844 ingressou na universidade, onde estudou Ciências Jurídicas (Direito) e Línguas Orientais (Letras), mas insatisfeito com o ensino formal e reprovado em diversos exames, desistiu dos cursos aos poucos.

Durante anos na universidade levou uma vida de estudante rico, em meio a jogos e farra, abandonou seus estudos definitivamente em 1847, quando tornou-se senhor de vastas terras e de inúmeros servos. Era chamado de Conde de Tolstói. Até 1851 vivia parte de sua vida nas propriedades e em Tula ou São Petersburgo, caçando, jogando cartas, bebendo, levando a vida na sociedade, porém ansioso para ver sua vida tomar um rumo.

Em 1851 inicia sua carreira como oficial do exército, ao lado de seu irmão Nikolai, no exército de Cáucaso. Em 1852 inicia-se uma luta na Guerra da Crimeia, entre os russos e turcos. É nesta época que Tolstói: escreve suas primeiras obras: “Infância” (1852) e “Adolescência” (1853). Em 1856, não vendo vantagem em sua profissão com as armas, e com sua experiência em guerra, pede demissão do exército. Nesse mesmo ano escreve: “Crônicas de Sebastopol” (1856), elaborando com suas lembranças da guerra e completando a trilogia autobiográfica, escreve: “Juventude” (1856).

Tolstói realizou diversas viagens pelo ocidente, esteve na Alemanha, França e Suíça. Em 1860 retorna para a sua propriedade e demonstra interesse pelos camponeses. Durante suas viagens procurou estudar métodos de ensino e resolveu criar uma escola rural, dedicando-se completamente à educação de seus empregados, chegando a escrever livros de leitura para o uso deles. Em 1862, casa-se com Sófia Andréievna Bers, a companheira e colaboradora dedicada que lhe dá 15 filhos.

De 1864 a 1869 Tolstói se dedica a escrever o livro “Guerra e Paz”, romance histórico e filosófico, onde faz uma reconstrução da Rússia no tempo de Napoleão e das campanhas

travadas na Áustria. Ele descreve toda a invasão da Rússia pelo exército francês e a sua retirada. Com mais de 1000 páginas na versão original, é um dos maiores romances da história.

A segunda grande obra do autor é *Ana Karenina* (1873-1877). Trata-se de um romance realista de grande frescor da sociedade nacional de sua época, o qual foi considerado pela crítica um dos melhores romances psicológicos da literatura moderna. Leon Tolstói publica também artigos e contos, a maioria com objetivos doutrinários. Seus livros vão se envolvendo de um caráter cada vez menos literário e mais polêmico. Com uma estranha personalidade mística e pacífica de homem que atestara da banalidade e da vulgaridade, mas que conhecera, nos cinco anos de guerra, dramas e sofrimentos de seu povo, acabou por ser excomungado de sua igreja Ortodoxa, malvisto pelo estado Czarista russo e pelos nobres daquela época.

Com a morte de três filhos e de uma tia, a vida do escritor é abalada completamente. Dá-se uma grande transformação na sua vida. Nos últimos anos que o autor vive, uma grande e dolorosa luta contra a família e consigo mesmo é travada. Cansado de tudo, Tolstói começou a distanciar-se, decidindo ir para um mosteiro. Sua fuga foi planejada e realizada no dia 31 de outubro de 1910, quando finalmente embarcou em um trem acompanhado apenas por sua filha Alexandra e um criado. Com a saúde abalada, foi obrigado a descer na pequena cidade de Astopovo, sendo acolhido pelo próprio agente da estação. Mas logo seu esconderijo tornou-se público, e os telegramas e visitas começaram a chegar de toda a parte da Rússia e Europa. Como sua saúde estava muito afetada, Tolstói resistiu somente mais alguns dias, falecendo em 20 de novembro de 1910.

Lançado em 1877, “*Ana Karenina*” foi um dos maiores romances realistas russos da história, tornando-se uma das maiores conquistas literárias de Leon Tolstói. A obra é de conteúdo grandioso, possuindo misturas de religião, política e classes sociais. Uma ficção que se torna realidade a cada página lida, e os personagens ganham vida.

Antes de se tornar livro, *Ana Karenina* era um fascículo. Nesta história conhecemos vários personagens com rumos diferentes, que se entrelaçam, conduzindo o leitor por ambiente de imagens vividas no contexto da Rússia Czarista.

O romance inicia com uma crise na família dos Oblonsky, quando Dolly, sua mulher, descobre que o marido tem uma amante. Ana Karenina, a irmã do Sr. Oblonsky, chega para fazer uma reconciliação entre o casal e aconselha Dolly a não pedir o divórcio. Seu irmão tinha um caso com a governanta de seus filhos, e sua esposa, após a descoberta, ameaçava deixá-lo. Ana é casada com um grandioso oficial em São Petersburgo, e frequenta mais altos círculos da sociedade russa, com a imagem de uma mulher charmosa e invejada por sua beleza.

Ela estava sedutora no simples vestido preto, sedutores eram os braços cheios, ataviados de braceletes, sedutor o colo firme com o colar de pérolas, sedutor os cachos anelados do penteado desfeito, sedutores esse belo rosto na sua animação; havia porém algo de horrível e de cruel na sua sedução. (TOLSTÓI, 2007, p. 68)

Quando Oblonsky vai até a estação de trem para encontrar Ana, que acaba de chegar, ele encontra o tenente Vronsky, que está à espera de sua mãe, qual viria com o mesmo trem. Eles descobrem que Ana e a mãe de Vronsky viajaram juntas na mesma cabine, e sua mãe gostou muito de Ana. Vronsky ficou fascinado pelo espírito e vitalidade de Ana. Antes que eles deixassem a estação, um funcionário ferroviário é atropelado e morto por um trem que estava passando. Perante os apelos de Ana, Vronsky deixa 200 rublos para a viúva do funcionário.

No mesmo dia, Oblonsky encontra seu amigo, Constantine Levin, que acaba de chegar de sua propriedade rural. Levin é dono de terras, e socialmente desajeitado, mas tem um coração enorme e muito generoso, é intelectual e filósofo, mas destina seus pontos de vista para as questões práticas da agricultura. Ele pretende ser uma pessoa sincera e ter uma vida produtiva em tudo o que faz, e se demite do seu cargo de governo local, pois ele vê isso como algo inútil e burocrático. Mas seu real sentido de vir para a cidade é para ver a cunhada de Oblonsky, Kitty, pois Levin está apaixonado pela jovem de 18 anos. E, sabendo do acontecido, Oblonsky sugere a Levin um encontro naquela tarde no parque, onde Kitty costumava patinar no gelo.

Levin, encontra Kitty no parque, e os dois patinam juntos, ele olha para ela constantemente, mas ela demonstra sinais de contradição. Durante o jantar com Oblonsky, naquela noite, Levin descobre que tem um rival no amor de Kitty: o conde Alexis Kirilovich Vronsky; e, de fato, quando Levin se declara para Kitty, ela o rejeita, esperando que Vronsky faça sua proposta brevemente.

Na noite seguinte, aconteceria um baile, e foi aí que Kitty viu que Vronsky está distraído e desatento a ela. O motivo de sua distração ficava claro quando ela observava Vronsky dançando a valsa com Ana. Os dois estavam completamente apaixonados, e o coração de Kitty se despedaçava. Ela percebe que suas esperanças estão acabadas, e que Vronsky nunca quis se casar com ela. A desilusão amorosa de Kitty acaba afetando sua saúde. Então sua família decide manda-la para o exterior, para assim melhorar suas condições.

Levin a visita novamente, e Dolly sugere que ele a peça em casamento mais uma vez. A sugestão embaraça Levin, mas quando ele revê Kitty alguns dias mais tarde, ele percebe que ainda a ama. Kitty dá entender que aceitaria se casar com Levin, então ele faz o pedido e eles começam a planejar o casamento.

Quando Ana volta para São Petersburgo, ela começa a frequentar ambientes onde poderia encontrar Vronsky e ele também à procura de sua amada. Ela diz a si mesma que gosta da atenção de Vronsky, mas logo admite para si os sentimentos dele, que constituem uma paixão pela sua presença. O comportamento dos dois muda rapidamente e atinge o inaceitável.

Karenin, marido de Anna, é um homem extremamente preocupado com as aparências, e por esta razão ele tenta conversar com Ana. E ela menospreza a preocupação do marido, e o casal aos poucos vai se afastando, o que dá lugar à consagração do amor de Ana e Vronsky, e em Petersburgo o caso dos dois rapidamente se torna público. A sociedade local aguarda ansiosamente a queda de Ana, e Vronsky começa a preocupar sua família, pois o romance dos dois poderia impedir a promoção na carreira de Vronsky.

O marido de Ana sofre as humilhações da opinião pública e sua carreira é imobilizada. Sua única amiga é a Condessa Lydia Ivanovna, que o encoraja a juntar-se a ela em sua religião. Quando os dois amantes voltam para São Petersburgo, são recebidos com a infeliz notícia de que foram colocados à margem da alta sociedade, especialmente Ana.

Quando fazemos algo errado, muitas vezes tentamos manipular a nossa consciência para nos sentirmos melhores. Assim também Ana criou mecanismos de defesa contra o marido e a própria consciência, tudo para não se sentir culpada pela situação a qual ela mesma tinha escolhido. Com o tempo, tornou-se cada vez mais infeliz. Sofria pressões do marido, da sociedade, do amante e sentia falta do filho, mesmo que o amasse verdadeiramente, ter o deixado foi uma escolha sua, e ela sabia que não poderia ter os dois. E foi aí então que sua consciência começou a não lhe deixar em paz.

Seus pensamentos rápidos também a fizeram passar por situações humilhantes perante a sociedade, a hipocrisia de Ana tornou-se constante, sua insensatez não a ajudava nem um pouco. Até mesmo Vronsky era mais sensato que ela, ele sabia da real situação em que os dois se encontravam aos olhos da sociedade. Mesmo com os deslizes de Anna o quadro dos dois com o tempo melhorou, recebiam visitas dos amigos, parentes queridos, e tudo ia se encaminhando para a vida dos sonhos de Ana. Mas sua felicidade não veio com isso, pelo contrário, ela tornou-se egoísta, sentia compaixão de si mesma. Tudo ia se inserindo, mas os delírios de ciúme começaram a surgir, por pouco Ana não ficou louca, tudo por ter a consciência pesada. Afinal, não havia outra explicação para suas atitudes, pois ela já não sabia mais o que queria.

Diante disso, seu esposo Aleksiei revelou ser alguém muito piedoso. Por mais que sentisse dor, mesmo tendo que esconder, ele ainda se lamentava por Ana. Sua evolução como homem e cristão é evidente, e Dolly teve uma forte influência sobre ele ao falar de perdão, o que se apresentou à influência negativa de Lídia, amiga, mesquinha, que se desse ouvidos a ela

tornar-se-ia um erro. Mas, analisando de modo geral, a conduta de Aleksiei foi admirável. Não podemos condená-lo por não abrir mão da guarda do filho, o que causou muito sofrimento para Ana, mas era direito dele, enquanto vítima da traição, ficar com a criança. Se a criança tivesse ido com a mãe, aconteceria o pior como aconteceu com sua irmã, desprezado por todos.

Ana chegou ao ponto de ser incapaz de amar, até os fortes sentimentos que tinha por Vronsky não passavam de paixão desencaminhada, que a cegava em conexão a tudo o que deveria ocupar o centro da sua vida, como a sua filha, já que o filho ela havia perdido. Assim, acabou revelando um novo lado, achando que com sua boa aparência conseguiria conquistar a todos. Ela era linda, todos os homens a desejavam e todas as mulheres sentiam ciúmes dela, por isso Vronsky era grato pela sorte grande que teve.

Muitos falam que Ana é uma mulher forte, mas ao passar o enredo percebemos que ela se deixou levar pelas vontades, criava malabarismos para enganar a própria consciência, e acaba sem controle emocional. Tornou-se uma mulher fraca, pois fazer somente o que ela queria não a tornava um ser grandioso, muito pelo contrário. Deixou-se levar pelos seus desejos impulsivos e negativos. É uma falsa satisfação em querer fazer exatamente o que se tem vontade, sem pensar nas demais consequências, pode até mascarar a intensa tristeza por trás disso, mas não engana quem tem visão de vida eterna.

Para muito, o recebimento dos pecadores é a morte. Anna se perdeu nos seus erros, até chegar em um caminho sem volta que só restou a ela dizer: “Deus, perdoe-me tudo!”, não sabemos dizer o que se passou pelo coração de Ana, nem mesmo a sinceridade de seu arrependimento. Mas Ana deixou saudades a todos.

Ana Karenina é composto por dois personagens principais, conta a história de duas pessoas e duas famílias; o segundo principal personagem se chama Levin, um dos homens mais incríveis da literatura. O livro nos conta duas grandes histórias, iniciando com a infelicidade de Levin e a felicidade de Ana, mas o livro dá uma reviravolta tão grande que a decadência de Ana Karenina, mulher adúltera e infeliz acontece, enquanto, Levin, camponês, apaixonado por Kitty, supera suas expectativas. Ele não era um herói perfeito, nem na aparência nem na personalidade, os conflitos vivenciados pelo mesmo durante o livro nos faz tê-lo como exemplo, nos enxergamos nele, Levin é como nós: simples, desajeitado, vive como pode, e não se importa para o que a sociedade vai pensar de suas atitudes.

Suas opiniões eram únicas, e o destacavam em qualquer lugar, seus diálogos eram de causar inveja, pois ele usava citações de diversos autores, com tanta naturalidade. Levin possuía uma visão muito crítica e sábia sobre a vida, o evangelho, o casamento e o campo. Mesmo sendo uma pessoa muito nobre, tinha uma consciência enorme, sem se aproximar das ideias

comunistas da sociedade. Sua disposição em ajudar os outros era muito grande. Ao ver o personagem de Levin podemos fazer uma pequena comparação com a vida do campo e a vida urbana, e foi essencial para entender como a Rússia funcionava naqueles tempos.

Com o fim do livro, podemos ver o desespero da culpa e desconfiança da triste família que Ana Karenina deixou. Já na família de Levin, todos encontram alegria e satisfação. A esperança e o amor eram os maiores objetivos a serem alcançados, e cada um alcançou o seu, mesmo que de maneira diferente, o que lhes proporcionou felicidade única.

2.2 Emma Bovary - Gustave Flaubert

Nascido em 1821, Gustave Flaubert, que pertence à geração educada da estética romântica, será, contudo, como Baudelaire, nascido no mesmo ano, um dos pais da renovação literária que se realizou nos últimos 130 anos, dado como *Madame Bovary* (1857) o primeiro romance moderno, um misto de realismo, de arte pela arte e de romantismo sufocado pela vontade do autor. Ele soube servir-se desse conjunto para combater exatamente os excessos de idealismo romântico da primeira metade do século XIX, pois Flaubert é, de fato, na expressão de Jean Rousset, “o primeiro em data dos não figurativos do romance moderno”.

Após algumas tentativas de menor importância, após algumas produções autobiográficas como “Novembre” (1842) e a primeira “Education sentimentale” (1845), Flaubert termina sua primeira “Tentation de Saint-Antonie” (1849), que ele mesmo lerá diante de seus melhores amigos, Maxime du Camp e Louis Bouilhet. A leitura é longa: quatro dias ao ritmo de oito horas por dia. O verdadeiro dos amigos é duro: a “Tentation”, com todo o seu atravanco romântico, aventura ser lançada ao fogo e Flaubert deveria dedicar-se a um tema terra-a-terra, sem mistérios, sem voos líricos. Após essa primeira percepção, o autor parte para o Oriente acompanhado por Maxime du Camp passando por Malta, Egito, Palestina, Líbano, Constantinopla, Grécia, Itália. Evidentemente, se o mundo exótico oriental lhe será útil mais tarde para a criação de “Salammbô”, durante toda a viagem, enquanto lê a “Odisseia” em grego, traz dentro de si sua heroína, que se chamará Emma.

Tendo partido de fato real, o suicídio, na Normandia, da esposa de um oficial de saúde, Flaubert encontra nele o tema terra-a-terra que irá trabalhar e erguer seu nível do grande romance que conhecemos. Iniciando em setembro de 1851, “Madame Bovary”, foi publicado em capítulos na Revue de Paris a partir de 1º de outubro de 1856. Um processo contra o autor, o editor e o impressor, por ofensa à moral pública e à religiosa, terminou na absolvição de todos

e o livro foi publicado em abril de 1857 pela editora Michel Lévy. E a história banal da imaginativa Emma Bovary, que recebeu uma educação por demais romântica, que se casa sem amor, que se perde em idealismos, amantes e dívidas, teve a princípio um sucesso de escândalo devido justamente ao processo, mas impôs-se logo entre as mais importantes obras de todos os tempos.

Baudelaire é um dos primeiros a perceber a modernidade a dizer Flaubert expressa na valorização do estilo diante da simplicidade do tema, é o primeiro que o livro encerra “os mais cálidos e mais ardentes sentimentos na aventura mais trivial”. Aliás o plano de decepção, há como um crescendo no interesse por Flaubert, sobretudo nos últimos 30 anos. Os contemporâneos e mesmo os críticos do início do século XX apreciaram um estilo preciso, a profundidade da análise psicológica e do estudo detalhado dos costumes da província. Além de Baudelaire, receberam favoravelmente a obra Banville, George Sand, o velho Lamartine, mais tarde Zola, Boruget e sobre tudo Proust, que deixou sobre Flaubert uma crítica, aguda e perspicaz.

Mas a partir dos anos 60 há como um novo desabrochar na crítica flaubertiana com os estudos de René Girard, Roland Barthes, Jean Rousset, G. Bollème, Sartre. E as diversas ramificações da nova crítica trazem, a partir se então, uma leitura cada vez mais renovada da obra do grande normando. Vista a princípio como uma precursora do *nouveau roman*, seria ela visitada pela psicanálise, pela sócio crítica, pelo estruturalismo, pela narratologia, pela crítica genética e por todo tipo de estudo pluridisciplinar. De fato, cresce hoje o movimento ao redor dos manuscritos de Flaubert à procura de suas intenções e da origem de sua técnica narrativa.

A 130 km de Paris, não longe de Rouen, numa pequena vila, vai morar Emma Bovary. É o mundo provinciano onde nada ocorre sem depender de Rouen, desde o menor divertimento até a compra mais sofisticada. Por mais que este mundo fosse monótono, e vivesse uma vida subterrânea e medíocre, onde o sal era dado pela bisbilhoteira, e o menor acontecimento ou uma pessoa estranha entrando na cidade, mudava por completo a rotina da comunidade. Camponeses, burgueses, aristocratas de províncias, formam o ambiente social que não é apenas um pano de fundo, mas que se agita e trabalha.

Emma é apresentada aos poucos, ela começa a aparecer no segundo capítulo. Mas seu estilo indireto e livre, com poucos diálogos, quase nada nos faz saber dela, sua personalidade é um enigma. Podemos perceber que é bonita e requintada. Nem mesmo Flaubert nos deixa ouvir seu pedido de casamento, que é feito para seu pai. Descobrimos capítulos a frente, quando ela já está em Tostes, na região de Caux, casada e morando com Charles. Nada sabíamos sobre sua educação e família. É como interna do colégio de Rouen que seu mundo nos é apresentado. Um

mundo cheio de idealismo ultra-romântico, que se alimenta de literatura cheia de sentimentos. Emma nunca verá o mundo da realidade e da prática, sempre o verá através de ilusões e fantasias. Mesmo a vida camponesa e prática na quinta paterna deixou-lhe apenas com habilidades de uma certa teimosia diante dos problemas materiais. Emma virá a um mundo irreal onde conta somente a sua visão das coisas, que se baseará nas decisões que ela irá tomar, que a deixarão em devaneios e aos desenganos. Coloca-se sempre acima ou ao lado de quem ocupa a sociedade, o que a levará a viver outra vida.

Podemos considerar que Flaubert determina os personagens, e diferentemente do que são, isto é uma fraqueza. Emma considera-se superior seu destino, e é possuída por um imenso desejo de ser algo que não é possível, pois o que quer pertence ao domínio do sonho, o mundo irreal. Charles nos é apresentado nos primeiros capítulos, é um personagem mediano, incapaz de ultrapassar a sua superfície das coisas. Também numa grandeza apresenta-se Leon, Rodolphe e Homais, este último envolto em sua ridícula sequência. Um mundo feroz onde os vencedores serão Homais, Lheureux, ameaçadores hipócritas, ou Binet, fechado em sua misantropia. Mas nesta triste história de adultério e de tragédia sem grandezas, em um pequeno mundo, cheio de indiferenças, o único personagem que se destaca com sua pureza é o adolescente Justin, um criança que descobre cedo demais o amor e a morte.

Dentro deste grande romance psicológico e do romance de costumes arrastam-se a frieza e a falsidade das relações humanas de tédio que se ignora, Flaubert faz de tudo um vazio a condição necessária para introduzir o que lhe interessa. O enredo muito bem conduzido atrai leitores contemporâneos, que não perceberam as transformações que trariam para o futuro da época as inovações. De fato o autor não renunciou à história muito bem contada, enquadrada em princípios, também não renunciou às críticas feitas dos costumes, no estudo dos habitantes da comunidade rural. Seu ritmo traz um enredo um pouco mais lento, com número menor de acontecimentos. O mundo da burguesia necessitava ser apresentado muitas vezes grotescamente, que tem ideias limitadas, cuja conversa é feita de lugares comuns.

Mas temos por felicidade Flaubert esclarecendo como suas ideias iam aparecendo ao longo dos cinco anos que durou a composição de “Madame Bovary”. Escreve em 20 de setembro de 1851:

“Comecei ontem à noite meu romance. Entrevejo agora dificuldades de estilo que me assustam. Não é pouca coisa ser simples”. No ano seguinte escreve: “Há em mim, literalmente falando, dois homens distintos: um apaixonado por falação, por lirismo, por grandes voos de águia, por todas as sonoridades da frase e por todos os comes da ideia, um que cava outro que procura, quando pode a verdade. Que gosta de

revelar o pequeno fato, como grande, que gostaria de fazer se sentir quase concretizado o que se produz.” (TOLSTÓI, 2007, p. 78)

No romance de Flaubert, em primeiro lugar temos uma narrativa impessoal, que se imporá a partir de *Madame Bovary*. É aqui que as forças do autor olham seu temperamento emotivo e a sua educação realizada dentro da estética romântica. Deseja ele dar um pequeno fato ou uma pequena estética sobre um pequeno objeto literário, pois sim, as menores coisas tem interesse. A posição anti-romântica é declarada por Flaubert: “A grande arte é científica e impessoal”. Assim destacando a emoção, que será abordada tanto ao descrever a verdade psicológica, quando a mostrar a pequena população. Podemos perceber de certa ironia também no livro, onde o autor não poupa palavras, como o boné de Charles, o bolo de casamento, discurso dos comícios, cometem ironia. Mas não é possível esquecer que a ironia não se torna segura e uniforme quando ao realismo que o autor cria. A sua presença nem sempre desaparecerá completamente de sua escritura, e a realidade será apenas uma forma de recursos maiores.

Uma característica que marca muito o livro é a arranjo de diferentes vozes ou mesmo de diferentes cenas. Ele escreve em 1852, ao iniciar a cena do jantar na hospedaria:

Nunca na minha vida escrevi nada de mais difícil do que aquilo que faço agora, um diálogo, trivial! Esta cena da hospedaria vai exigir talvez três meses, não sei nada. Tenho vontade de chorar, às vezes, de tal forma me sinto impotente. Mas preferia morrer a escamoteá-la. Tenho de colocar ao mesmo tempo cinco ou seis personagens (que falem), vários outros (de quem se fala), o lugar em que está, toda a região, fazendo descrições físicas de pessoas e de objetos tenho de mostrar em meio a tudo isso um senhor e uma senhora que começam (por simpatia de gostos) a se apaixonar um pouco pelo outro! (...) mas é preciso que tudo isso seja rápido sem ser seco e desenvolver sem ser confuso. (FLAUBERT, 2007, p. 11)

É extremo o cuidado de Flaubert na interpretação de seus temas. Se a sinfonia for trazida para o livro, o livro será este. E o melhor encontro de orquestra será na segunda parte do capítulo VII, nos comícios agrícolas. A introdução da sinfonia, a conversa de Homais com a hospedeira, o desenvolvimento, em contra ponto, dos discursos e da atribuição dos prêmios com o dialogo amoroso entre Emma e Rodolfo, e a conclusão, no artigo de Homais, relatando os acontecimentos no jornal de Rouen. As frases ditas durante os festejos do comício alteram-se como instrumentos musicais de uma orquestra que se replicam e retrucam.

Entre muitas inovações podemos verificar o lugar cada vez mais ocupado pelos objetos muito antes de nossa sociedade de consumo, a insistência do tempo de se arrastar, que o autor tão bem coloca com o constante do imperfeito no lugar tradicional passado simples. No itinerante foco narrativo que se passa de um personagem a outro e que ilumina a parcialidade

na lentidão do dia-a-dia, quando a ação parece deter-se momentaneamente. Flaubert tem uma atenção importante ao estilo indireto livre, pois é o diálogo que mais lhe proporciona frases alternativas.

Flaubert morre repentinamente em 08 de maio de 1880, mas deixa a maior consciência crítica do romance, com uma obra muito bem pensada, sentida e calculada em cada detalhe. É uma obra em ruptura, a ordem clássica em desequilíbrio, o romance em crise, pois depois de Flaubert, o romance nunca mais será somente uma história, mas um estilo.

3 A INFLUÊNCIA DO FATOR SOCIAL NA “LIBERDADE” DE ANA KARENINA E MADAME BOVARY

3.1 O fator social e as decisões do sujeito

O ser humano pode ser influenciado pela sociedade até certo ponto, e antes de tudo, é um ser ciente de seus atos. E conforme vai vivendo é favorecido de liberdade para mudar suas escolhas e o caminho por onde estas medidas vão seguir. Mas é possível que ele se entregue às pressões sociais, e as deixe ser guiado por elas, perdendo assim a sua vontade própria e sua alma.

Portanto, o indivíduo se constrói diante das circunstâncias, e molda seu caráter e suas opiniões conforme o que já viu e o que acha correto seguir. É necessário existirem padrões, mas a sua convivência com algumas situações, boas ou ruins, leva-o à reflexão de seu futuro e sobre as ações que podem melhorá-lo. Credo na existência de Deus ou não, a humanidade alinha sua trajetória pelo caminho que acha mais conveniente, seguindo suas experiências, cercado de diversas possibilidades. Quanto mais conhecimento de mundo ele possui, mais escolhas ele tem para agir.

Quando as pessoas agem contra as regras impostas pela sociedade, pagam o preço de reprovação até certo ponto. E muitas vezes é isso que as torna felizes ou infelizes. A situação em que cada pessoa vive está relacionada com a sociedade em que se insere. Porém, todos possuímos um senso de autoconfiança, apesar de que nem todos o desempenham. Por trás das escolhas erradas, existem uma série de fatores felizes, e assim vice-versa. A vida é feita de momentos.

Para obter qualquer verdade sobre mim, é necessário que eu passe pelo outro. O outro é indispensável para a minha existência, tanto quanto, ademais, o outro é para o meu autoconhecimento. Nestas condições, a descoberta do meu íntimo revela-me, ao mesmo tempo, o outro como uma liberdade colocada diante de mim, que sempre pensa e quer a favor ou contra mim. (SARTRE, 1970, p. 48)

O caráter, o temperamento, as características da situação, a época e os seus valores, o gênio dos que estão a sua volta e as relações sociais são alguns dos fatores que influenciam a decorrência dos acontecimentos, mas não o determinam, pois as escolhas são feitas por seres livres.

3.2 O desespero e autodeterminação de Ana Karenina

Na presença humana, podemos observar a luta entre as escolhas e as consequências, a partir da possível liberdade. Por mais diversa que seja a circunstância, o indivíduo sempre traz no seu interior uma infinidade de possibilidades que poderão desenvolver o seu presente e o seu futuro. No entanto, decidir qual o caminho a se seguir, e quais atitudes a se tomar, constroem grande questões de alma humana.

Em *Ana Karenina*, de Tolstói, essa luta interna, perante as diversas possibilidades de vida de muitos personagens, revela-se em Ana, que tem proteção e situação estável, mas vive em busca daquilo que a complete e a faça feliz no tema amor, por ter casado sem estar apaixonada pelo marido. De fato, a personagem tem angústia, a qual se dá pelo medo de se arriscar e ter uma experiência incerta, sem um compromisso e sem um futuro certo.

Ana Karenina é a personagem que foi vítima de suas ilusões de não ser a esposa dedicada, e não manter as aparências que a sociedade esperava dela. Ela possuía um excessivo desejo de ser feliz, assim como todo o ser humano. Mas o seu conceito de felicidade não foi o suficiente para que ela se sentisse satisfeita. Por sua vez, buscava o prazer de um amor de sensações, e resolveu largar sua vida de aparências e o marido. Mas o equívoco de felicidade talvez estivesse na sua ideia de casamento e comportamentos perante a sociedade russa, onde o adultério era uma coisa normal, mas ninguém se separava para viver uma aventura, e não era assim que Ana pensava.

Ter decidido a exclusividade do amante custou muito caro para Ana, pois seu temperamento não era capaz de reflexionar de maneira justa esta questão. Poder ter uma vida “certa” e ser livre para decidir o perigo e a atitude considerada “errada”, para a sociedade era o motivo de seus conflitos, bem como a culpa que a rodeava, antes, durante e depois de fugir com o amante, pois sua vida social e a família, não a deixavam em paz.

Sabia muito bem que, aos olhos dessas pessoas, o papel de amante infeliz de uma jovem, enfim de uma mulher livre, pode ser risível; mas que o procedimento de um homem que persegue uma mulher casada e em qualquer circunstância empenha a sua vida para arrastá-la para o adultério, que isto tenha algo de belo e de grandioso e jamais pode ser ridículo, ele, com orgulhoso e alegre sorriso a brincar-lhe sob o bigode, abaixou o binóculo e olhou para a prima. (TOLSTOI, 2007, p. 100)

Os desejos egoístas, o desconcerto emocional, não permitem que o ser humano haja conforme o bom senso, mas apenas seguindo seus instintos, e agindo desta forma, ele se torna

escravo de si mesmo. E é o que acontece com Ana pela sua irritabilidade e o ciúme doentio pelo amante.

Ana foi massacrada pelos seus pensamentos, pela paixão sedutora e pelas personalidades que viviam ao seu redor, Karenin, Oblonsky, Daria Alecsandrovna, a princesa Oblonskala, e a princesa Betay, juntamente com o seu círculo de convivência da alta sociedade. E se por um lado o matrimônio é um regimento respeitado, pois dá toda a segurança à mulher e a coloca em uma situação de prestígio, do outro, a felicidade de poder viver livremente em um lugar distante, parecia ser a solução para Ana.

Os indivíduos, influenciados pela sociedade de uma maneira muito intensa, seus pensamentos e suas ideologias, são formados a partir do âmbito social, que já possui características bem definidas, e impõem valores desde o começo de sua interação com ela, o ambiente e as pessoas a sua volta.

As mulheres russas do século XIX e boa parte da sociedade da época aprendiam o idioma da classe alta, o francês, e era sua obrigação também aprender a tocar piano, a bordar, ir à igreja todos os domingos, e conseguir um noivo. Ana procurava realizar com exatidão todas estas tarefas, além de agir conforme as regras éticas e morais em vigor. Cumpria todas as regras, mais por costume do que por convicção, pois lhe foram impostas desde a infância, o comportamento correto virou hábito em sua rotina. Uma prova disso é que, diante da paixão declarada por Vronsky, Ana sofre muito por estar infringindo as leis do matrimônio, estar cedendo aos galanteios do militar, que posteriormente se torna seu amante.

Sentia-se tão criminosa e culpada que só lhe restava humilhar-se e pedir perdão; e portanto agora não tinha ninguém na vida além dele, era a ele que dirigia a sua suplica. Olhando para ele, sentia-se fisicamente a sua humilhação e nada mais podia dizer. Ele, da sua parte, sentia o que devia sentir o assassino quando vê o corpo que privou da vida. Esse corpo que ele privou da vida era o amor, a primeira fase de um amor entre eles. Havia alguma coisa de hediondo e repulsivo na recordação daquilo que fora pago com aquele terrível preço da vergonha. (TOLSTOI, 2007, p. 114)

Um dos principais acontecimentos que vão determinar as ações de Ana e do marido, mudando o rumo da história, é a corrida de cavalos. Ana já está completamente envolvida com Vronsky, mas em segredo. E por ter um temperamento forte ela vibra, ri e chora com a performance do militar na corrida, chamando a atenção de toda a plateia e principalmente de seu marido, que estava ao seu lado. Por mais que Karenina desconfiasse, tentava manter as aparências perante a sociedade, e a repreendia com alguns olhares e palavras. E, ao Vronsky cair e machucar muito sua égua, Ana tem um surto, fica completamente desorientada, querendo saber notícias dele, mas é pressionada pelo marido para calar-se. Então acontece o desembrulho

dos sentimentos de Ana, e ela percebe que não conseguiria esconder por muito tempo seu amor por Vronsky.

Apesar de tudo o que via, Aleksêi Aleksándrovitch não se permitia ajuizar da verdadeira situação da esposa. Via apenas os índicos indícios exteriores. Viu que ela se conduzia de modo improprio e considerava seu dever dizer-lho. Era-lhe, porém, difícil dizer apenas isso e mais nada. Abriu a boca para falar a ela do quanto inconvenientemente se portara, mas sem querer disse coisa totalmente diversa. (TOLSTOI, 2007, p. 158)

Referindo-se a um homem construído pela própria prática no decorrer da vida, podemos dizer que, diante de tantas escolhas, a personalidade e o forte envolvimento de Ana com Vronsky fizeram-na agir desta forma. No entanto, a confissão do adultério e o amor por outro dentro da carruagem, minutos depois. E é neste instante que Ana faz o uso de sua liberdade, tornando-se responsável pelo que lhe aconteceu, utilizando-se do livre arbítrio do ser humano.

Não podemos culpar o temperamento nervoso de Ana, por ele, considerá-la covarde, má esposa ou adúltera, mas sim as atitudes dela perante às dificuldades do casamento e o desequilíbrio, ao não conseguir dominar suas emoções diante das possibilidades da aventura amorosa ao lado de Vronsky. Mesmo depois de amante, a condição de louca que se dá pelos seus atos, suas atitudes de defesa perante Vronsky. A falta de consciência em suas atitudes é angustiante, ela não procura ajuda médica, e sua atitude de vingança e ciúmes, que a levam ao local do trem, onde ela realiza, acidentalmente ou não, o suicídio.

O suicídio não vem de uma ação em si, mas de um pensamento fixo e da posição de vítima tomada por ela, ao pedir para que o senhor a perdoasse, um pensamento autodestrutivo que fatalmente ira acabar de um jeito trágico, já que Ana passa a maior parte do tempo em casa sozinha. Ana se sentia culpada e angustiada pelos erros do passado, por ser acusada todo instante pela sociedade ao seu redor, onde quer que ela fosse. Desta forma o passado se torna sempre presente, e é a causa da sua angústia, o sentimento de fazer tudo correto. Essa é a condição que a faz refletir sempre e se lamentar pelo que perdeu, não somente pelos laços com o filho, mas também pela perda de prestígio diante da sociedade, situação permanente e consequência da escolha que fez.

O ser humano, agindo contra uma regra social, como o adultério, une este pensamento social e assume a falta, assim como Ana e Vronsky tiveram a atitude de se isolar do convívio social de Moscou, evitando festas e eventos, indo morar no lugar distante. Contudo, não deixaram de ser seres sociais.

Possivelmente, a angústia de Ana se obteve pela incerteza de seu futuro ao lado de Vronsky, a possível realidade de ficar sozinha novamente lhe atormentava. Ela começou a pensar que Vronsky podia ter uma amante, assim se desfazendo dela futuramente. Atormentava-a a possibilidade de uma segunda separação e o repúdio novamente da sociedade. A traição se torna uma ideia tão fixa na cabeça de Ana, que ela começa a pensar no suicídio, pensando que assim Vronsky daria ela mais atenção, e foi o que aconteceu, ela fez com que gerasse nele o arrependimento e adoração por ela.

Perante a situação que agora experimentava, Karenina vivia ansiosa ao pensar em Vronsky casado com outra mulher. O futuro, portanto, a afligia e a tornava delirante, pois seus pensamentos desfavoráveis exerciam grande poder sobre sua razão e Ana não era mais capaz de separar a realidade da fantasia.

A angústia é um sentimento comum do ser humano, ele participa da constituição do ser, e a partir do momento em que não conseguimos mais controlá-la, torna-se doença, e começa a controlar o indivíduo. Ana, de fato, tornou-se irritável, ansiosa e tinha delírios. E ao ficar angustiada, torna o problema maior do que realmente era.

Vronsky e Karenina não pensaram no mal que causariam a suas famílias. Ela era mãe e esposa, e Vronsky, um filho dedicado com uma carreira promissora. E entre eles o egoísmo, um sentimento de disputa, em que nenhum dos dois queria ceder aos desejos do outro.

Para Anna, todo ele, com seus hábitos, ideias, desejos, com toda a sua maneira de ser, reduzia-se a uma coisa só: o amor às mulheres, e esse amor que, segundo julgava, devia estar inteiramente concentrado nela, só, esse amor apoucara-se; por conseguintes, a se ver ele devia transferir parte dele a outras ou a outra mulher- e ela tinha ciúmes. (TOLSTOI, 2007, p. 529)

Foi o motivo pelo qual muitas vezes os dois brigavam, quando nenhum dos dois queria abdicar de seus gostos para satisfazer o outro. Vronsky mudou toda sua vida e planos por causa de Ana, e ela abandonou sua família e posição social por ele. E de fato os dois não souberam viver o lado positivo da vida, diante de tais perdas, que foram resultados de suas escolhas. O temperamento de Ana atrapalhou muito a vida dos dois, que em partes, foi resultado da humilhante condição de mulher adúltera e separada.

A vida de pecado atormentava Ana. Para se ver livre da culpa, era necessário culpar alguém, quando na realidade ela sabia que a maior culpada ou total responsável pela perda da posição social, da família e do filho, era ela.

Recordou-se das palavras dele, da expressão de seu rosto, que lembrava a de um cachorro submisso, nos primeiros tempos da sua ligação. E tudo agora o confirmava.

“Sim, ele estava triunfante na sua vaidade. É claro que havia amor, mas predominava o orgulho da vitória. Vangloriava-se por eu ser sua. Agora tudo passou. Não há motivo para orgulho, e sim para vergonha. Tirou de mim tudo o que pôde e agora já não lhe sou necessária. (TOLSTOI, 2007, p. 545 e 546)

Sendo assim, ela queria controlar toda a situação, mesmo estando perdida e infeliz. Precisava saber de tudo o que acontecia com Vronsky, visto que estava completamente insegura e levada pelo ciúme doentio. Conseguir o autocontrole era muito difícil perante a situação em que se encontrava, porque o medo anulava a sua capacidade de pensar sobre o assunto.

Por que Ana se desesperou e se tornou tão insegura ao ponto de não conseguir mais controlar seus delírios de ciúme? Será que seu temperamento foi a causa, a solidão e a pressão social, ou porque, de fato, não conseguia lidar com as perdas e as consequências de seus atos? Será que ela não buscava somente o prazer e, por isso, fugiu com Vronsky?

Ana vivia constantemente na angústia das possibilidades e uma vez que via concretizado o resultado de suas escolhas, lamentava-se pelas situações que a deixavam para trás. Decidir é ter que perder algo e, ao mesmo tempo, queria Vronsky ao seu lado, seja pela aventura amorosa, satisfação dos sentimentos ou por personalidade, queria a família e a posição social que tinha antes da traição. Ana foi movida pelas suas paixões sem limites e por isso não tenha definido o seu conceito de felicidade.

O primeiro passo para sair do desespero é aceitar os fatos perante si mesmo por suas faltas passadas. Mesmo que Karenina vivesse no adultério, poderia ter assumido suas falhas e ter tornado suas condições melhores, aceitando todos os empecilhos que vieram até ela. Tomando consciência do que havia se tornado, assumindo também os valores derivados da situação. A ocorrência de ter sido humilhada, renegada, a aproximaria dos valores cristãos que pregavam a pobreza de espírito, a solidariedade e a humildade perante Deus e o homem.

Ana não conseguia viver com o remorso de ter abandonado a família. Embora tentasse fazer obras de caridade, como o hospital, ela vivia amargurada pela angústia de novas oportunidades ou a falta destas. Muitas vezes ela imaginava pedir perdão ao marido e voltar para casa, mas tinha medo da reação de Karenin. Se ao fazê-lo não fosse perdoada, tinha medo da reação que Vronsky teria, pois também tinha medo de perdê-lo.

O maior desespero de Ana era ter que se prender a algumas coisas concretas e ter que viver com o remorso das faltas das quais ela mesma não se perdoava. Ela não conseguia conviver com a dor, descarregava seus sentimentos em Vronsky e para dormir tomava morfina. Nos últimos dias de vida, passou completamente anestesiada, e se punindo por fatos que não mudariam, pois nem ela estava disposta a recomeçar e se tornar responsável pela sua nova vida.

Sua vida tinha adquirido um tom sombrio e estava tentando lutar contra isso, ora tentava se amar e se valorizar oferecendo jantares para alguns poucos parentes que ainda lhe visitavam a manter as aparências, ora deixava-se levar pelo caminho menos doloroso que era o isolamento exposto. O uso de calmantes, a culpa que jogava para os outros, fazia com que a situação saísse do controle, até chegar no porto máximo do suicídio sobre os trilhos do trem.

Neste mesmo instante aterrorizou-se do que fazia. “Onde estou? Que faço? Para que?” Quis erguer-se, jogar-se para trás, mas alguma coisa enorme, inexorável, bateu-lhe na cabeça e arrastou-lhe de costas. “Senhor, perdoa-me tudo” - prorrompeu, sentindo a impossibilidade da luta. O homenzinho, articulando qualquer coisa, mexia nos ferros. E a vela, à qual Anna leu aquele livro cheio de desassossego, de embustes, de amargura e de mal, ardeu como uma luz mais resplendente do que nunca, iluminou lhe tudo o que antes estivera na escuridão, crepitou, começou a se extinguir e se apagou para sempre. (TOLSTOI, 2007, p. 550)

Ana arrepende-se segundos depois de já ter se atirado, mas já é tarde demais para voltar. Podemos afirmar que o imperfeito uso de sua liberdade em torno de suas escolhas e modo de viver a tenham influenciado. A falta de limites à frente da vida e dos diversos meios sociais dos quais ela fez parte afetaram sua capacidade de escolher o seu futuro.

3.3 A inesgotável busca pelo amor em *Madame Bovary*

A infidelidade conjugal nos dirige a uma série de problemas, unidos diretamente ao relacionamento do casal, marido e esposa e ao convívio em família. Em uma união, os dois sonham com algumas expectativas que se encontram relacionadas com a convivência, a conservação de sentimentos e a aceitação do comportamento de seu companheiro. Por isso, a condição para um bom relacionamento acaba sendo também adequada pela visão que o casal possui de um relacionamento, que geralmente é determinada pela satisfação de nossas próprias necessidades pessoais.

De outro modo, somos obrigados a aceitar os valores que nos exigem maior empenho de nossa atitude para o sucesso ser obtido na relação conjugal. Desta forma, muitas vezes nos sentimos impostos a seguir apenas a conduta que a sociedade determina como adequada, segundo as convivências morais.

Fugir deste padrão significa infringir os meios determinados, desacatarmos as normas silenciosas que regulam nossa vida cotidiana, colocando nossas vontades acima das regras que se tornaram legítimas socialmente como adequadas à vida em sociedade. Podemos perceber

que certas infrações cometidas por um indivíduo podem acabar recebendo uma dose de corretivo, com interesse de que a norma vigente seja prontamente restabelecida.

A maioria das obras que apresenta como questão principal a infidelidade feminina tem por fim um resultado revelador, no qual as personagens adúlteras são punidas de alguma forma pela sua ousadia contra o marido. E, no geral, estas mulheres estão programadas com um destino de loucura, solidão e até a morte.

Durante o século XIX, o romance *Madame Bovary*, de Flaubert, retrata o tema de forma a tocar os problemas revelados em uma vida de matrimônio, e as acomodações do casal ao longo da relação, a idealização de fantasias românticas e a decepção com o desenrolar do relacionamento.

É preciso prestar atenção para o fato de que em tais romances a mulher é apresentada com um olhar crítico sobre o ideal de vida em comum. Por encontrar-se dentro do lar, vivendo seu cotidiano e seus problemas, a esposa sempre será aquela que mais se preocupa com o andamento da vida conjugal.

Parte das desilusões das mulheres encontra-se no plano afetivo. A esposa descobre não ser tão interessante aos olhos do marido, os filhos e os afazeres domésticos ocupam parte do seu tempo, apenas as preocupações domésticas são divididas com seu companheiro. Isso ocasiona falta de tempo para cultivar a paixão formada muito antes do matrimônio. Deste modo, percebemos que os casamentos só começam mornos, e que vão esfriando com a convivência diária, provocando assim uma indiferença para o casal. “Mesmo nos primeiros anos de casamento, o relacionamento entre o casal é apresentado de um modo conformado, sem maiores expectativas afetivas: Tinha-se acostumado um ao outro; viviam em paz”. (ALMEIDA, 2003, p 48)

Emma Bovary tenta preencher, com o amor e a admiração alheia, o vazio que sente em sua vida. E ela tem plena consciência de que a sua carência parte da insatisfação diante da maneira de encarar a vida.

No fundo da alma, todavia, esperava um acontecimento. Como os marinheiros angustiados, lançava sobre a solidão de sua vida olhos desesperados, procurando ao longe alguma vela branca nas brumas do horizonte. Não sabia, qual seria aquela acaso, o vento que o empurraria até ela, para que margens ele a levaria, se seria uma chalupa ou um navio de três pontes, carregado de angústias ou cheio de felicidade até as escotilhas. Mas, cada manhã, ao acordar, esperava-o para aquele mesmo dia e escutava todos os ruídos, levantava-se sobressaltada, espantava-se por ele não chegar; depois ao anoitecer, cada vez mais triste, desejava já estar no dia seguinte. (FLAUBERT, 2007, p 67)

Emma perseguia um significado na vida que beira os limites entre a realidade e a ilusão. Seu ideal de vida era baseado nos romances que lia durante sua juventude, nos quais as suas personagens favoritas eram as mulheres, que através da infração das normas vigentes, conseguiam dar a suas vidas um sentido verdadeiro.

No romance, o casamento de Emma foi construído aos poucos pelo pai dela, que vai induzindo o médico Charles a assumir o matrimônio com a filha.

Quando percebeu, portanto, que as faces de Charles enrubesciam quando estava perto da sua filha, o que significava que num daqueles dias ela seria pedida em casamento, ruminou todo o acaso antecipadamente. Achava-o de fato um pouco magricela e não era o tipo de genro que tinha desejado; porém, afirmavam que tinha boa conduta, que era econômico, muito instruído e sem dúvida não criaria muita dificuldade quanto ao dote. (FLAUBERT, 2007, p 36)

Podemos perceber que em momento algum há a menção a qualquer tipo de afinidade amorosa entre o casal. Para o pai de Emma, o que realmente contava era assegurar o futuro material das filhas. Emma, enquanto solteira, levava uma vida sem perspectivas, e o casamento, naquele momento, foi o meio de livrá-la do tédio em que se encontrava. Ela depositava sua esperança de felicidade no relacionamento que poderia ter com Charles após casada.

Ela sempre o acompanhava até o primeiro degrau da escada externa. Enquanto não traziam o seu cavalo, ela permanecia ali. Já se haviam despedido, não se falavam mais; o ar livre a rodeava, levando em desordem os pequenos e loucos cabelos de sua nuca ou sacudindo em seus quadris os cordões do avental que se enroscavam como bandeirolas. (FLAUBERT, 2007, p 31)

Porém, Emma não encontrou no casamento o desejo de felicidade realizado, mas, sim, a decepção com os comportamentos de seus companheiros. Ela observava em seu marido uma personalidade medíocre e acomodada, e isso incomodava, pois ele não possuía a mesma ambição que ela em viajar, se mudar, e conhecer pessoas novas.

Em um primeiro momento, para Emma, o adultério é uma loucura, ela tenta se afastar da relação perigosa, mas se dá conta de que está completamente atraída pelo amante. Ao perceber que estava apaixonada por Leon, prefere guardar a devida distância do rapaz. Mas acaba se entregando ao desejos de ser amada. Ela encara tudo como surpresa, e nenhum remorso, e o fato de manter um relacionamento adúltero a deixa viva, parece entrar em sua adolescência novamente.

Mas é aí então que a primeira penalidade segundo ela aparece, o esfriamento de seu romance adúltero. E com o passar do tempo, e o fortalecimento da intimidade entre os amantes,

ocorre uma certa mudança ao tom de convivência do casal. Emma percebeu que sua relação extraconjugal alimentava uma chama doméstica.

Emma Bovary, ao perceber a indiferença de seus amantes, tenta manter a atenção para si, e, para cativá-los, tentando mantê-los com ela, compra presentes seguidamente. E esta atitude é a causa da sua ruína financeira, que a leva à morte e ao arrependimento. Podemos perceber que ela possuía uma necessidade de manter a idealização do amor consigo.

Léon, o segundo amante de Emma, também desconfiava de sua vulnerabilidade, mas não discutia com as suas ideias. Ele era seu amante, e ela era sua. Mas a decepção com seus amados se encontra quando ela resolve que tem que se casar, é aí que os dois desprezam-na, pois era aí então que a sociedade iria desprezá-los.

A decepção de Emma com o homem que escolhera para viver o amor construiu-se como sua pior punição. E sua experiência final acaba lhe deixando com uma visão negativa do sentimento romântico pelo amor. O sentimento para Emma, perante ao tempo, seria a sua realização pessoal.

E ela passava-lhe a mão nos cabelos, lentamente. A doçura daquela sensação aumentou sua tristeza; ele sentia todo o seu ser desabar de desespero diante da ideia de que era preciso perdê-la quando, ao contrário, ela confessava por ele mais amor do que nunca; e ele nada encontrava; ele não sabia, não ousava, pois a urgência de uma resolução imediata acabava de transtorná-lo. (FLAUBERT, 2007, p 274)

Emma percebeu que seu amor excessivo e sua idealização romântica levaram-na para um caminho sem volta, no qual só encontrou preconceitos e críticas em relação aos seus comportamentos. Ela encontra a morte, através do suicídio, pois ela decidiu o rumo de sua vida, assumir a si mesma ou viver eternamente um relacionamento imaginário, projetando seus desejos com outros.

Anna Karenina e Emma Bovary tentaram encontrar sua felicidade fora da união estável. As mesmas se casaram sem amor, e este amor não cresceu como elas esperavam após o casamento. A diferença de uma e outra é que Anna consegue fugir com o amante, o que ela desejava, mas, após um tempo, a culpa por ter abandonado a família e o desprezo da sociedade a enlouquecem, e ela comete o suicídio, jogando-se, na ferrovia, para debaixo de um trem. E Emma, por sua vez, encontra nos amantes a solução para sua felicidade, mas nenhum estava disposto a largar tudo ao seu redor para viver este grande amor, e isso a deixa completamente desolada. E por não encontrar o amor, tenta redecorar sua vida com roupas novas, tapetes, cortinas, a qual a endividam, e por não ter encontrado o sentimento que precisava e por medo da sociedade perante suas dívidas, ela também procura o suicídio, tomando medicamentos que

o marido médico possuía. Ambas foram, no início, felizes, mas, com o passar do tempo, sua felicidade foi esfriando, e elas percebem que não era possível poder ter este sentimento, com as escolhas que elas haviam feito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente estudo, demonstrou-se que Anna Karenina e Emma Bovary são compostas de uma “falta de presença”, na qual gera angústia em todo ser humano. Esta angústia é um sentimento que condiciona o indivíduo a fazer suas escolhas segunda sua liberdade. O conceito de liberdade foi reafirmado com a descoberta da personalidade individual e a capacidade humana de fazer e de mudar o seu destino graças ao seu temperamento próprio.

Neste sentido, o trabalho abordou questões que podem ser encontradas no comportamento humano, diante de realidades pertencentes ao indivíduo, como a angústia e liberdade e o peso das escolhas individuais relacionadas ao uso dessa liberdade, o adultério, neste caso. Os determinantes envolvidos se referem à religião, aos costumes e regras sociais e aos impulsos humanos, comuns a todo indivíduo, usados conforme sua forma de pensar e liberdade. Por isso o ser humano, diante de diversas situações e pleno de personalidade própria, se apreende de suas possibilidades e escolhe.

Torna-se, nesse contexto, pertinente inferir que, apesar de estar inserido num contexto social enraizado de ideologias fortes para a tomada de decisões individuais, o ser humano se remete de outros seres primeiramente pela capacidade de persistir em uma conduta que julga adequada, a cada momento de sua vida, mesmo que contrária a da sociedade. As tendências de temperamento do espírito de cada indivíduo são de grande influência em suas ações, que juntas às pressões sociais são decisivas para o destino de cada pessoa.

Logo, trazendo essas discussões para a análise de Anna Karenina e Madame Bovary, concluiu-se que cada personagem da trama fez uso de sua liberdade para aceitar as regras sociais ou lutar contra elas. Karenina e Emma fizeram mau uso de sua liberdade, tornando-se escravas de seus vícios, não pondo limite às suas paixões e destruindo a harmonia de sua vida. Cada ação humana constituiu-se, portanto, vulnerável de mudança de acordo com a vontade de cada ser, o que, de certo modo, também definiu o destino das personagens analisadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Julia Lopes de. **A Falência**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.

ANDRADE, Maria Celeste de Moura. O século XIX: O mundo burguês / O casamento / A nova mulher: **o contexto histórico dos romances Madame Bovary, Ana Karenina, O primo Basílio e Dom Casmurro**. Evidência, Araxá, v. 8, n. 9, p. 63-80, 2013. Disponível em: <http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/viewFile/412/391>. Acesso em 15 abr. 2018.

CARVALHO, João Carlos de. A mulher e a morte no romance do século XIX. **Revista Querubim**, 2006. Disponível em: www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/artigos/002_2006-01.doc. Acesso em 15 abr. 2018.

COSTA, Luana Signorelli da. **O problema da arte e do realismo em Anna Kariênina, de Tolstói**. Monografia. Curso de Pós Graduação em Literatura da Universidade de Brasília. Brasília – DF, 2016.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary: costumes de província**. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.

MIGLIOLI, Jorge. **Dominação burguesa nas sociedades modernas**. Crítica Marxista, 2010. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo205Artigo1.pdf. Acesso em 20 abr. 2018.

MORAIS, Christianni Cardoso. CALSAVARA, Eliane de Lourdes. SILVA, Gisele Elaine. **Leitura para mulheres no século XIX: Educação e Formação da Pátria**. Disponível em: http://intranet.ufsj.edu.br/rep_sysweb/File/vertentes/Vertentes_29/christianni_e_outras.pdf. Acesso em 02 abr. 2018.

OLIVEIRA, Lilian Sarat de. **Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX nos caminhos da civilização**. Faculdade Teológica Batista Ana Wollerman – FTBAW, 2009. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Oliveira3.pdf. Acesso em 29 mar. 2018.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru – SP: EDUSC, 2005.
RODRIGUES, Valéria Leoni. **A importância da mulher**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>. Acesso em 30 mar. 2018.

RODRIGUES, Dayanny. **Escritos de e para mulheres no século XIX: o conceito de emancipação e a representação feminina no jornal das senhoras**. Revista Outras Fronteiras, Cuiabá-MT, vol. 4, n. 1, jan/jul., 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/256-736-1-PB.pdf>. Acesso em 29 mar. 2018.

SANTOS, Aline Tosta dos. **A construção do papel social da mulher em Primeira República**. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14404/14404.PDFXXvmi>. Acesso em 29 mar. 2018.

SANTOS. Maria de Lourdes Lima dos. **Para a análise das ideologias da burguesia**. Análise social, vol. XIII, 1977, 7-54. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223984331I3bLM0rn8Om01WW8.pdf>. Acesso em 10 abr. 2018

SARTRE. Jean Paul. **O ser e o Nada**. Ensaio de Ontologia Fenomenologia Petrópolis- Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SILVA. André Luis Reis da. **A nova ordem europeia no século XIX: os efeitos da dupla revolução na história contemporânea**. Ciências & Letras, Porto Alegre, n. 47, p. 11-24, jan./jun. 2010 Disponível em: <http://seer3.fapa.com.br/index.php/arquivos/article/viewFile/36/29>. Acesso em 02 abr. 2018.

TOLSTOI, Leon. **Ana Karênina**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2007.